

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

LILIA GIACOMINI

**ANÁLISE DE UM PROGRAMA: “PASSO A PASSO” ORIENTAÇÃO E
MOBILIDADE PARA PESSOAS SURDOCEGAS**

São Paulo

2008

LILIA GIACOMINI

**ANÁLISE DE UM PROGRAMA: “PASSO A PASSO” ORIENTAÇÃO E
MOBILIDADE PARA PESSOAS SURDOCEGAS**

Dissertação apresentada à Universidade de São Paulo para a obtenção parcial do título de Mestre em Psicologia da Educação.

Orientadora: Prof^ª Dra. Elcie Aparecida Fortes Salzano Masini

São Paulo

2008

*À minha mãe Edith, por toda e fé e sustentação, ao meu
filho Yvens, pelo amor incondicional e a minha querida
Elisa, a minha mais nova razão de viver.*

*À minha irmã e companheira de tantos trabalhos e lutas,
Shirley, por todas as vezes que pensei em desistir.*

*Aos meus queridos amigos, Claudia, Carlos Jorge, Carlos
Roberto, Eulália e Nelson por terem aceitado o desafio e
serem protagonistas desta história.*

Agradecimentos

A Deus, pela oportunidade da vida, nossa grande escola.

Aos meus pais, Geraldo (in memorian) e Edith, e em especial à minha mãe por ter dito “sim” a minha vinda e por ser o meu maior exemplo de fé e de coragem.

Ao meu querido pai Moysés, que Deus e suas filhas gentilmente me emprestaram para ser a minha sustentação.

Ao Marcos, por ter me incentivado sempre a buscar a minha autonomia e por ter me ofertado nesta vida o meu melhor e maior presente: Yvens.

Aos meus queridos Natália e Abramo, por terem sempre acreditado em mim e não pouparem esforços para estarem sempre presentes em todas as etapas da minha vida.

Às minhas queridas companheiras e irmãs, Shirley, Dalva, Regina e Dalvanise e Vula, obrigada por terem realizado o meu sonho, (AHIMSA) e permitirem que eu participe desta caminhada junto com vocês.

Às minhas amigas Inês e Walkíria, pela incansável revisão, formatação e impressão e todos os cuidados para este trabalho.

À minha querida Vula, por sua valiosa tradução para o inglês. Thank you!

À minha querida Tânia, minha luz sempre, por todos os seus ensinamentos e paciência no meu aprendizado.

Às minhas queridas, Francisca, Daniella, Deolinda, Fátima, Tereza, Lílian, Roberta, Sandra, Lina, Alice, Elizabeth, Márcia Storino, Ana Maria, Vera, Fernanda, Claudia, Felipe, Miguel e Bispo por dividirem o dia-a-dia comigo e estarmos juntos na construção de uma educação com qualidade para o surdocego e o múltiplo deficiente sensorial.

À minha querida professora Nely Garcia, pela sua valiosa contribuição na área de Orientação e Mobilidade e por todos seus ensinamentos.

À minha querida professora Maria Piedade, pela sua disponibilidade e atenção.

Ao meu querido Joel, amigo de todas as horas, médico do físico e espírito, obrigada pelo seu seus cuidados, carinho e sustentação.

À Danuta Worjanick, pela paciência e ensinamentos em Orientação e Mobilidade, quando da sua assessoria no Brasil.

Ao Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial por me dar a oportunidade de poder desenvolver este trabalho, acreditando e realizando o programa “Passo a Passo”.

Ao Programa Hilton Perkins pelo apoio financeiro.

A Professora Dra. Elcie, pelo aprendizado.

A todos que de alguma forma passaram em minha vida, seja com uma breve palavra, com um sorriso, com um breve aceno, com um muito obrigado ou simplesmente com um olhar, saibam que mudaram o meu olhar para com o outro.

"Venimos de polvo de estrellas y en polvo de estrellas nos convertiremos. Hemos de ser humildes, ya que la vida viene de moléculas muy sencillas. Hemos de ser solidarios, ya que tenemos un origen común. Hemos de ser cooperativos ya que desde la Luna se ve la Tierra como un granito perdido en la inmensidad del espacio donde no se distinguen las fronteras entre los pueblos y no se ve, tampoco, el color de la piel" (Joan Oro).

GIACOMINI, Lilia. Análise de um programa: “Passo a Passo” Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008 (dissertação de mestrado).

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar um programa de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas, sugerindo caminhos para a inclusão na escola, no trabalho, e em outros ambientes; promovendo recursos para o desenvolvimento de autonomia e acessibilidade e sugerir diretrizes para novos programas, bem como, resgatar a auto-estima, a autonomia e, principalmente, a qualidade de vida para esta população.

A pesquisa aponta a importância do protocolo de avaliação para o desenvolvimento do programa “Passo a Passo” de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas visando realizar as adaptações necessárias nas técnicas de guia-vidente, bengala longa e a criação de recursos para favorecer um deslocamento orientado e seguro.

Palavras-chaves: Orientação e Mobilidade; Surdocegueira; Surdocego pós-lingüístico; inclusão; autonomia.

GIACOMINI, Lilia. Análise de um programa: “Passo a Passo” Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008 (dissertação de mestrado).(masters’s thesis)

Abstract

The objective of this study was to analyze an Orientation and Mobility program for deafblind people, suggesting paths to inclusion at school, work, and other environments; promoting resources for the development of autonomy and accessibility and suggest guidelines to new programs, as well as, to recover self-esteem, autonomy and, mainly, the quality of life of this population.

The research points out the importance of the assessment procedure for the development of the Orientation and Mobility “Step-by-Step” Program for deafblind people, which aims the realization of necessary adaptations in the long cane and sighted-guide techniques, and the creation of resources to favor a safe and oriented travel.

Key words: Orientation and Mobility; Deafblindness; Pos-linguistic Deafblind; inclusion; autonomy.

SUMÁRIO

Antecedentes: A trajetória que levou à dissertação	11
Introdução	13
Capítulo 1: Orientação e Mobilidade	
1.1. Definição	15
1.2. Histórico da Orientação e Mobilidade	16
1.2. 1. Orientação e Mobilidade no Brasil	18
1.3. Técnicas para Orientação e Mobilidade	20
Capítulo 2: Surdocegueira e Síndrome de Usher	
2. Surdocegueira	23
2.1. Definição	23
2.1.2. Classificação	24
2.2. Síndrome de Usher	25
2.2.1. Definição	25
2.2.2. Características	25
2.2.3. Classificação	26
2.2.4. Sintomas mais comuns quanto à visão	26
2.3. Necessidade específicas das Pessoas Surdocegas para desenvolver a Orientação e Mobilidade	27
Capítulo 3: O Programa Passo a Passo	
3.1. Histórico do Programa Passo a Passo	32
3.2. O Programa de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegos	33
3.2.1. Para Surdocegos Pré-lingüísticos	34
3.2.2. Para Surdocegos Pós-Lingüísticos	37
3.3. Atitude do Educador para realização do programa de Orientação e Mobilidade	48
3.4. Necessidade de organizar e registrar as observações dos casos em atendimento	49
Capítulo 4: Método e Pesquisa	
4.1. Sujeitos	50
4.2. Coleta de Dados	50
4.3. Análise dos Dados	50
Capítulo 5: Análise dos Dados	
5.1. Questionário referente à inscrição no Programa Passo a Passo (Anexo D)	51

5.2. Questionário referente à Avaliação do Programa Passo a Passo pela pessoa surdocega (Anexo E)	58
5.3. Dados referente ao Anexo C – Protocolo de Avaliação de Orientação e Mobilidade	64
5.4. Desempenho de cada sujeito no Programa de Orientação e Mobilidade	80
Capítulo 6: Conclusão e Considerações Finais	87
6.1. Considerações Finais	88
6.2. Recomendações	88
Referências	89
Anexos	93

Antecedentes: a trajetória que levou à dissertação

*“Diz uma tradição tibetana que em cada pedra dorme um átomo divino que logo desperta e cresce em cada planta, move-se em cada animal, pensa em cada homem e ama em cada anjo. Deduzimos então que **devemos respeitar** cada pedra como uma planta, cada planta como um animal querido, cada animal como um ser humano e cada ser humano como um anjo ou como amamos a Deus”.*
(Autor desconhecido, folheto Brahma Kummaris, 2000).

A idéia da realização desse programa começou há alguns anos. Eu era professora de pessoas com deficiência visual quando, ao aceitar um convite, tive a oportunidade de conhecer uma instituição que atendia pessoas com surdocegueira e com deficiência múltipla. Esta oportunidade me fez refletir sobre importantes questões.

O universo da deficiência visual já é desafiador, instigante e sedutor; o não ver, faz com que alguém comece a respeitar a realidade construída a partir da leitura que cada pessoa tem do mundo, tornando-a mais flexível. Então, como seria esse universo diante de pessoas que não dispõem da visão e da audição? Como estas pessoas podem ter contato com o mundo?

Em minha prática com pessoas com deficiência visual, o que sempre me fascinou foi a questão da Orientação e Mobilidade. Favorecer a independência dos alunos no sentido da oportunidade de escolhas - para onde ir, como chegar até lá (escolha de transportes, rotas), que recursos utilizar (bengala, pré-bengala, guia vidente, cão-guia) - sempre foi uma questão desafiadora. E desafiador é, também, desvendar os caminhos apropriados para eles estarem habilitados a cumprir as (suas) escolhas, fazendo uso da visão residual, da audição, do tato ativo (sentido háptico), do olfato, do sentido cinestésico (memória do movimento muscular) e vestibular.

Aceitando desafios foi que a minha história com a surdocegueira e a deficiência múltipla sensorial começou em 1994; meu interesse por este novo universo iniciou-se ao conhecer a AHIMSA¹ – Associação Educacional para Múltipla Deficiência. Comecei trabalhando primeiro com as crianças e percebi que na medida em que o desenvolvimento de uma criança surdocega vai evoluindo, a orientação e mobilidade começa a fazer parte da sua vida diária, fato este já descrito por Murdoch (1989). A atividade motora é essencial para a percepção sensorial e para as atividades de vida diária, quanto maior a resposta motora, maior será a variedade de informação adquirida sobre o mundo e sobre si mesmo. Como a criança com surdocegueira pode não apresentar audição e visão total ou ter um pequeno resíduo de ambos,

¹ AHIMSA - é uma palavra sânscrita que significa “não-violência” escolhida como nome para o trabalho desta instituição.

que deve ser usado ao máximo, a imitação e a motivação visual para mover-se fica reduzida. Diante disso, cabe ao educador ajudá-la a estabelecer padrões motores: propiciar situações em que tenha liberdade para explorar e fazer coisas por si mesma, pois, é através da atividade motora que ela começa a conhecer os objetos e iniciar o desenvolvimento de algum controle sobre o mundo físico.

Assim, em interação com as crianças e vivenciando toda essa descoberta, passei também a trabalhar com adultos, perguntando-me:

- Como será o desenvolvimento de pessoas que se tornam surdocegas?
- Eles precisam reaprender a se movimentar, a se deslocar?
- Eles se isolam devido à nova condição?
- Será que eles diminuirão o isolamento quando aprenderem as Técnicas de Orientação e Mobilidade?
- Depois de aprendidas as Técnicas de Orientação e Mobilidade será possível eles conquistarem a independência?
- Com o domínio das Técnicas de Orientação e Mobilidade, a pessoa com surdocegueira pós-lingüística sentirá mais motivação para ter autonomia?

Impulsionada por esses questionamentos nasceu o Programa Passo a Passo, que está sendo desenvolvido para pessoas com surdocegueira pós-lingüística. Este programa visa ao atendimento destas pessoas, a partir dos dezesseis anos, e se constitui em uma proposta que implica uma série de desafios, entre os quais: comunicação, escolhas, liberdade e autonomia para se deslocar, principalmente, com preocupação pela qualidade de vida. Esta pesquisa busca registrar e descrever como esses desafios podem ser vencidos, propondo a sistematização e análise de dados deste programa inovador: o Programa Passo a Passo.

Introdução

*“Cante canções que ninguém cantou,
Tenha pensamentos que jamais alguém pensou (...)
Ame a todos com amor por ninguém já sentido,
E enfrente a batalha da vida com vigor incontido”.*
Paramahansa Yogananda

Este trabalho sugere caminhos para a inclusão das pessoas surdocegas na escola, no trabalho, e em outros ambientes, ao promover recursos para o desenvolvimento de autonomia e acessibilidade e ao dar diretrizes para professores de Orientação e Mobilidade de programas escolares para essa população.

A Orientação e Mobilidade é um conjunto de estratégias e técnicas - utilizadas com todas as informações psicossensoriais - que promove e devolve à pessoa surdocega um deslocamento orientado e seguro para conhecer o seu entorno, bem como, resgata a auto-estima, a autonomia e, principalmente, a qualidade de vida para as pessoas surdocegas adultas.

A relevância deste trabalho está em estudar e discutir um tema inovador e importante para inclusão da pessoa surdocega: o uso das técnicas de orientação e mobilidade, que dará a ela condições para conhecer e acessar o mundo que a cerca, favorecer o desenvolvimento da sua aprendizagem e a conquista da sua autonomia.

Organizamos os capítulos considerando as necessidades levantadas por professores e pessoas surdocegas pré e pós-lingüísticas, durante esses quase três anos de experiência na utilização do Programa Passo a Passo. A dissertação divide-se em seis capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado Orientação e Mobilidade, tratamos da história da Orientação e Mobilidade, suas técnicas e como começou a Orientação e Mobilidade para as Pessoas Surdocegas no Brasil.

No segundo capítulo, Surdocegueira e Síndrome de Usher, definimos e classificamos Surdocegueira; definimos e caracterizamos os diferentes tipos de Síndrome de Usher, devido esta ser uma das maiores causas da surdocegueira pós-lingüística, e arrolamos as necessidades dessa população para o desenvolvimento da Orientação e Mobilidade.

No terceiro capítulo, intitulado O Programa Passo a Passo, descrevemos a metodologia do programa Passo a Passo, sua história, a necessidade da avaliação funcional para organizar as atividades a serem desenvolvidas com a pessoa com surdocegueira, a atitude do educador frente a esta avaliação e as necessidades de adaptações às Técnicas de Orientação e Mobilidade para a pessoa com surdocegueira.

No quarto capítulo, denominado Método e Pesquisa, detalha os sujeitos desta pesquisa e a metodologia de coletas e análise dos dados.

No quinto capítulo, apresenta os quadros referentes aos questionários (Anexo D e E) e os protocolos de avaliação funcional, as análises dos dados, além de fotos das atividades realizadas pelos participantes.

No sexto capítulo, apresenta as conclusões e considerações finais sobre este trabalho.

Considerando a relevância que a utilização das Técnicas de Orientação e Mobilidade assume no contexto de vida da pessoa surdocega e a inexistência de trabalho que se dedique a este tema, esta pesquisa propõe-se a:

Objetivos gerais

1. Analisar e avaliar um Protocolo de Avaliação Funcional na área de Orientação e Mobilidade.
2. Verificar a necessidade de implementação dos Recursos e Técnicas de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas.
3. Sistematizar a metodologia do Programa Passo a Passo de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas pós-lingüísticas.

Capítulo 1: Orientação e Mobilidade

“O auto conhecimento é a capacidade inata que nos permite perceber, de forma gradativa, tudo que necessitamos transformar. Ao mesmo tempo, amplia a consciência sobre nossos potenciais adormecidos, a fim de que possamos vir a ser aquilo que somos em essência”.
Hammed, *Os Prazeres da Alma*, 2004.

1.1. Definição

Antes de conceituarmos o que é Orientação e Mobilidade é importante entender o sentido etimológico de cada palavra. Segundo Cunha (1999, p. 564 e 526) orientar significa “a parte onde nasce o Sol”, nascente, leste, levante; origina-se do latim *oriens-entis* e *móbil*: mover. Consultando o Minidicionário da Melhoramentos (1997, p. 337 e 368) orientar significa determinar os pontos cardeais, indicar o rumo exato e, mobilidade é a propriedade do que é móvel; assim, temos que, orientação (é aprendida) e mobilidade (é inata). Podemos dizer que o conceito orientação e mobilidade significa mover-se de forma orientada, com sentido, direção e utilizando-se de várias referências como: pontos cardeais, lojas comerciais, guia para consulta de mapas, informações com pessoas, leitura de informações de placas com símbolos ou escrita para chegarmos ao local desejado.

A orientação e mobilidade para as pessoas com deficiência visual também significa mover-se de forma orientada com segurança e independência, porém com conhecimento das técnicas de guia vidente, auto proteção e de bengala longa. Neste caso, utilizam-se os pontos de referência descritos acima só que de forma adaptada, usando todos os sentidos remanescentes para a leitura deles.

Para as pessoas com surdocegueira a orientação e mobilidade significa mover-se de forma orientada aproveitando-se de todas as informações sensoriais disponíveis e facilitando o processo de comunicação com o seu entorno. Para que o deslocamento ocorra de forma segura e independente, a pessoa com surdocegueira utiliza-se das técnicas de guia vidente adaptadas, das técnicas de auto proteção, de bengala longa e de pré-bengala. O capítulo 3 apresenta mais dados a respeito.

Segundo Hill & Ponder (1976 apud Hill et alli, 1995) a orientação e mobilidade é um processo pelo qual as pessoas utilizam as informações sensoriais disponíveis para estabelecer e manter sua posição no meio ambiente. A mobilidade é um processo de deslocamento seguro, eficiente e elegante. A meta fundamental do ensino de orientação e mobilidade é que

as pessoas com deficiência visual possam deslocar-se sem medo e com a maior independência possível.

A história da Orientação e Mobilidade, segundo Castro (1998), começa com a definição do termo que hoje, usualmente é conhecida por O&M:

“Orientação e Mobilidade” (OM) é a designação mais usada atualmente e encerra os dois conceitos necessários para a deslocação, a pé, da pessoa cega. A área dos conhecimentos sobre a deslocação da pessoa deficiente visual vem ganhando várias designações que importa referir – Mobilidade, Peripatologia, Locomoção e Orientação e Mobilidade.

O termo “mobilidade” é o mais simples e o mais antigo. No entanto, é muitas vezes confundido com motricidade no seu significado mais lato. “Peripatologia” vem do grego, significando o conhecimento que permite ao cego conhecer o caminho e segui-lo. O termo “locomoção” teve sua origem na França. (Ibid, p. 2)

1.2. Histórico da Orientação e Mobilidade

A Bíblia, no livro de Tobias (cap. 2, versículo 9), mostra como a cegueira pode paralisar levando a perder a autonomia. Castro (1998) também mostra relatos bíblicos sobre a Orientação e Mobilidade:

"O Antigo Testamento contém referências relativas à O.M. dos cegos e em particular a Isaac, que deve ter sido o primeiro caso registrado de cegueira que, ao perder a visão, utilizou um cajado de pastor como auxiliar para se deslocar" Levy (1872 apud Castro 1998), p. 3

Nessas citações podemos ver a importância do ser humano se deslocar e ter um instrumento que pudesse fornecer a antecipação de obstáculos daquilo que não se pode enxergar. Segundo Castro (1998), na Era Cristã foram encontradas pinturas que retratavam a figura de uma pessoa cega com um báculo acompanhado de um cão. Na Escola Perkins para Cegos, em Massachusetts, encontram-se gravuras do artista holandês Van den Enden, datadas de 1629, que retratam pessoas cegas com grandes bastões na altura do peito.

Ainda, segundo Castro (1998), nos séculos XVII e XVIII o deslocamento das pessoas cegas com bastões causava tanta admiração que de certa forma atribuíam esta habilidade a causas ocultas.

O bastão foi usado de diversas formas como elemento de defesa, como cajado para os pastores, como elemento de adorno e poder para os reis e bispos, como recurso auxiliar das pessoas cegas para se deslocarem, porém, sem nenhum embasamento científico. Somente em 1749, Diderot descreveu a percepção dos obstáculos pelos cegos através da bengala.

A partir desses estudos ressaltando a importância da bengala como instrumento, Sauerberger (2006) relata que durante a Segunda Guerra Mundial, quando muitos soldados americanos

ficaram cegos, estes foram enviados a hospitais no Valley Forge e Dibble e, em seguida, para um programa de reabilitação em Avon, Connecticut. Esse programa contava com treinadores que não tinham o conhecimento de técnicas específicas de orientação e mobilidade, entretanto, encorajavam os pacientes a se conscientizarem do uso da ecolocalização e perceberem as mudanças táteis das superfícies no chão além de utilizarem um mapa espacial dos prédios e ambientes por meio de paredes e colunas para que pudessem se orientar melhor. Bledsoe e Hoover (oftalmologistas) perceberam que só essas técnicas não eram suficientes para que as pessoas pudessem desviar dos obstáculos com segurança e, em 1950, Hoover cria uma bengala mais longa que as comuns como extensão do dedo indicador para sondar o espaço à frente, detectando obstáculos, depressões, aclives, declives e outros. Hart segundo estudos de(Garcia, 2001).

A bengala media aproximadamente 1,42m de comprimento por 1,2cm de diâmetro e pesava 186g, com a extremidade inferior arredondada para facilitar o deslizamento no contato com o solo. Assim Hoover desenvolveu um sistema de exploração tátil e um programa de O&M com a utilização do guia-vidente, técnicas de auto-ajuda e técnicas com a bengala longa. Garcia (2001). Por isso, a técnica da bengala longa ou de bengala de Hoover recebeu essa denominação que é usada até hoje, inclusive no Brasil.

Em Castro (1998) encontramos o relato do uso do cão-guia; eles serviam como mensageiros durante a Primeira Guerra Mundial e depois passaram a ser treinados como guias para cegos e muitos acreditaram que o problema de deslocamento das pessoas cegas estava definitivamente resolvido. Em 1923, em Postdam, foi criada uma organização de cães-guias para cegos e em 1930 foi fundada a primeira escola de treinamento em Wallasey, Cheshire e percebeu-se que muitas pessoas não conseguiam se adaptar a este tipo de recurso.

Os estudos sobre o bastão, posteriormente denominados bengala, continuaram na busca de aperfeiçoar este recurso para a prática de Orientação e Mobilidade. Hoover em seus treinamentos percebeu que a bengala com a medida pré-definida por ele não era eficiente para todas as pessoas e resolveu, então, personalizar a bengala com medidas de peso, de acordo com cada usuário.

Os instrumentos de Orientação e Mobilidade particularmente sempre foram planejados para pessoas adultas. Na década de 80 com a necessidade de se atender alunos com deficiência múltipla, na Escola Oregon, começaram a ser desenvolvidas várias bengalas rolantes em formato de “T” como forma de auxiliar o deslocamento destes alunos.

Em 1988, através de um artigo de Bosbach na Revista “Journal of Visual Impairment and Blindness”, é que chegou a notícia da pré-bengala de Connecticut que é confeccionada de

forma individualizada a cada usuário e sendo mais amplamente usada, substituindo aos poucos o tradicional bambolê adaptado para crianças.

Quanto à formação de técnicos em Orientação e Mobilidade, segundo Castro (1998), em 1960 ocorreu o primeiro curso para instrutores de Orientação e Mobilidade no Boston College e na Western Michigan University, foi aberto o mestrado nesta área. Nas décadas de 70 e 80, o impulso foi estudar e criar serviços de atendimento para pessoas com baixa visão, pré-escolares e para pessoas com múltipla deficiência.

1.2. 1. Orientação e Mobilidade no Brasil

Dados sobre programas de orientação e mobilidade somente foram encontrados na Associação Louis Braille, em 1933, em Belo Horizonte (supõe-se que seja desde a sua fundação). Em 1957 aconteceu o primeiro Curso de Treinamento de Instrutores de Orientação e Mobilidade para Cegos por Joseph Albert Asenjo realizado na Fundação Dorina Nowill. Em 1959, ocorreu Primeiro Curso de Instrutores de Orientação e Mobilidade para Cegos no Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da USP, também promovido pela Fundação para o Livro do Cego no Brasil. (Garcia, 2001).

Em 1976 aconteceu o curso de Tecnólogo em Peripatologia na Escola Paulista de Medicina com parecer favorável do Ministério da Educação (MEC) na área de Paramédicas, em 1981 realizou-se o I EMBRATOM (Encontro Brasileiro de Orientação e Mobilidade), em 1991, a Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual – LARAMARA - passou a ter um programa de orientação e mobilidade. A partir de 1999 começaram cursos de pequena duração sem aprofundamento técnico e pedagógico.

Foi criado por alguns anos pela Secretaria Nacional de Educação Especial, por volta de 1999, um comitê Nacional para realização dos EMBRATOM's - Encontro Brasileiro de Orientação e Mobilidade. Em 2003 aconteceu o II EMBRATOM, esse novo encontro mobilizou vários professores que estão realizando o programa nos CAP - Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (em São Paulo, CAPE – Centro de Apoio Pedagógico Especializado) de todo Brasil e pela primeira vez, o tema Orientação e Mobilidade para surdocegos foi apresentado e discutido em uma das palestras da programação. A partir desta data, mais profissionais se interessaram para realização de cursos de formação continuada em orientação e mobilidade para pessoas surdocegas, oferecido pelo Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, do qual faço parte como consultora.

Em 2005 a Associação LARAMARA em conjunto com CBM - Cristhofel Blind Mission da Alemanha organizaram o primeiro curso para profissionais de Orientação e Mobilidade na faixa etária de 06 a 10 anos, visando organizar o programa para a educação infantil.

Quanto ao atendimento de pessoas com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, segundo Maia (2004), no início da década de 60 por empenho de Nice Tonhozi Saraiva, após a visita de Helen Keller, em 1953 no Brasil, houve uma maior preocupação com a educação desta população. Porém, mesmo com a formação da primeira classe de surdocegos no Instituto Padre Chico; um Setor de Atendimento a Audiovisuais na Fundação Dorina Nowill em 1963; a criação em 1977 da “Escola Municipal Anne Sullivan”, em São Caetano do Sul; a implantação em 1983 da Adefav – Associação para Deficientes da Áudio - Visão e, em 1991, a fundação da Ahimsa – Associação Educacional para Múltipla Deficiência, não foi criado um programa específico de Orientação e Mobilidade para a pessoa surdocega adulta. No entanto, havia a preocupação do atendimento de surdocegos e deficientes múltiplos pré-lingüísticos e a necessidade de mobilidade para eles. Somente em 1994, com a criação do primeiro serviço específico para surdocego pós-lingüísticos no Instituto Benjamim Constant o programa PAS- Programa de Atendimento ao Surdocego, a Orientação e Mobilidade foi organizada nos serviços de saúde para reabilitação, com fundamentação nas técnicas para a pessoa com deficiência visual..

Com a criação do Day Center “Yolanda de Rodriguez”, no ano de 2003 pelo Grupo Brasil em parceria com a ABRASC - Associação Brasileira de Surdocegos, com objetivo de atender jovens e adultos surdocegos e deficientes múltiplos a partir dos 15 anos, houve a necessidade de se ter um programa específico de Orientação e Mobilidade que atendesse a esta população, em São Paulo.

Não podemos deixar de mencionar o Projeto Cão-Guia de Cego que surgiu da idéia da realização de um trabalho pioneiro no Brasil, em treinar cães para guiar pessoa com deficiência visual, proporcionando-lhe segurança, mobilidade e melhoria da qualidade de vida. O Corpo de Bombeiro Militar do Distrito Federal enviou três militares para a Fundação MIRA no Canadá a fim de freqüentarem o Curso de Adestramento de Cão-Guia de Cego no período de 01 de fevereiro a 31 de julho de 2001. Assim deu-se início a administração do Projeto Cão-Guia de Cego – DF pelo INTEGRA - Instituto de Integração Social e de Promoção da Cidadania (cf. site www.unb.br/ppne/internas/projetocao).

Em São Paulo a LARAMARA organizou durante um período em seu sítio Lajota a criação e adestramento de cães labradores com a finalidade de serem doados a pessoas com deficiência visual.

1.3. Técnicas para Orientação e Mobilidade

Bueno (1992), Associação Brasileira de Educadores de Deficientes Visuais – ABEDEV (2002) e Felipe (2003) definem e subdividem as técnicas de Orientação e Mobilidade para Deficientes Visuais em cinco aspectos:

A. *Guia Vidente (para ambientes internos e externos)* – consiste em uma pessoa vidente guiar e orientar uma pessoa com deficiência visual, a caminhar por vários lugares permitindo que ela coloque sua mão no cotovelo do guia vidente, o braço deste guia deverá formar um ângulo de 90° com o seu corpo, oferecendo assim todas as informações corporais para que se possa realizar alguns deslocamentos como:

- a) Caminhar a um local desejado
- b) Mudar de direção
- c) Trocar de lado (alternar ora no braço esquerdo do guia vidente, ora no braço direito)
- d) Passar por lugares estreitos
- e) Aceitar e recusar ajuda
- f) Subir e descer escadas
- g) Passar adequadamente por portas, abrindo-as e fechando-as.
- h) Sentar-se
- i) Alinhar-se à mesa para refeições ou trabalho
- j) Saber utilizar objetos para uma conduta social (copos, pratos, talheres etc.).

Para o uso correto da técnica do guia vidente é importante lembrar que a pessoa com deficiência visual, ao segurar no cotovelo do seu guia, deverá sentir todo o movimento do corpo deste. Conseqüentemente, a pessoa com deficiência deverá sempre ficar um passo atrás do guia, que o protegerá de qualquer imprevisto que possa ocorrer.

De posse deste conhecimento, cabe ao guia vidente ter alguns cuidados ao atravessar uma rua, pois deve “calcular” o espaço e tempo que levaria sozinho para atravessar este trecho e praticamente, dobrar o tempo para atravessar com a pessoa com deficiência visual com segurança. Vale ressaltar, que a pessoa com deficiência visual deve sempre ficar ao lado de dentro da calçada para estar mais protegida de incidentes que possam eventualmente acontecer no meio fio. É importante, ainda, lembrar que se por algum motivo o guia vidente tiver que se afastar, mesmo que por poucos segundos, é necessário deixar a pessoa com deficiência visual encostada a uma parede, mesa, cadeira, balcão ou a qualquer outro objeto ou eventualmente com outra pessoa para que o ela não se sinta “largada” no espaço.

Quando houver uma passagem estreita, o guia vidente colocará o seu braço (o qual a pessoa com deficiência está segurando) todo para trás indicando que o mesmo deve-se colocar atrás de seu guia. Passado esse local, o guia deverá conduzir o braço novamente à posição inicial (90° em relação ao seu corpo).

O guia vidente precisa somente dar uma parada acentuada demarcando que irá subir ou descer um degrau, ultrapassar um obstáculo ou subir ou descer escadas.

B. Auto-ajuda em ambiente interno - As técnicas de auto-ajuda permitem que os alunos se desloquem de forma independente, sem riscos, em lugares familiares, e também permitem localizar os objetos, elas são feitas com seu próprio corpo. São utilizadas principalmente em entornos familiares e são planejadas para oferecer informações sobre o entorno em que os alunos se movimentam. Nas técnicas de auto-proteção a pessoa surdocega deverá ter o dorso de sua mão voltada para o seu rosto na proteção superior; já na proteção inferior, o dorso de sua mão deverá estar voltado para fora. São elas:

- a) Proteção inferior
- b) Proteção superior
- c) Rastreamento com a mão
- d) Enquadramento e tomada de direção
- e) Localização de objetos
- f) Técnica para o cumprimento
- g) Familiarização de ambientes

Nas técnicas de auto-proteção é preciso também desenvolver habilidades para sua orientação espacial através de:

- a) Pontos de referência
- b) Pistas táteis, sonoras, olfativas, cinestésicas.
- c) Medição
- d) Orientação direcionada pelos pontos cardeais
- e) Autofamiliarização
- f) Consulta a mapas táteis

C. Técnicas com a bengala longa em ambiente externo e diagonal em ambiente interno: permite ao usuário uma maior independência nos seus deslocamentos desde que tenha adquirido habilidades, tais como:

- a) Conhecimento e manipulação da bengala
- b) Empunhadura correta
- c) Saber andar com a bengala e o guia vidente

- d) Detectar e explorar objetos
- e) Varredura
- f) O uso correto para facilitar a passagem em portas
- g) Subir e descer escadas
- h) Técnica do toque
- i) Técnica para o deslize
- j) Rastreamento do espaço

D. Cão-Guia - o uso do cão-guia tem sido amplamente utilizado por pessoas com deficiência visual, conforme citado no histórico sobre o Projeto Cão-Guia de Brasília.

E. Ajudas Eletrônicas – é o uso da tecnologia ajudando no processo de facilitação para identificar obstáculos no processo de orientação e mobilidade. Há algumas versões de bengala na qual vem acoplado um sistema de alerta sonoro e vibratório para a identificação de obstáculos de forma rápida. Existem também bengalas com laser que ajudam a “fazer a leitura” dos obstáculos com um sistema de leitura óptica.

Capítulo 2: Surdocegueira e Síndrome de Usher

“Na educação, é minha experiência que aquelas lições que aprendemos com professores que não são somente bons mas que também demonstram afeto pelo aluno, penetram fundo na nossa mente”.
Dalai Lama, O Livro da Sabedoria, 2002

2. Surdocegueira

2.1. Definição

Antes de falarmos sobre definição da surdocegueira, é preciso falar sobre a terminologia que este termo sofreu ao longo de alguns anos. Conforme relato de Maia (2004)

“A terminologia Surdocegueira sofreu muitas alterações desde que surgiu o primeiro atendimento ao surdocego por volta de 1.800. Conforme apresentação feita no Curso da Centrau (Centro de Reabilitação da Audição do Paraná) em 1996, por profissionais da Sense Internacional - Inglaterra, as seguintes denominações foram usadas: Dificuldade de Aprendizagem Profunda e Múltipla (DAPM), Múltipla Deficiência Severa, Surdo com Múltipla Deficiência, Cego com Deficiência Adicional, Múltipla Privação Sensorial (MPS), Dupla Deficiência Sensorial e finalmente surdocegueira. A aceitação do termo surdocego e surdocegueira sem hífen em 1991, foi proposta por Salvatore Lagati que defendeu na IX Conferência Mundial de Orebrö - Suécia, a necessidade do reconhecimento da surdocegueira como deficiência única”.(Maia 2004, p. 5).

Com essa proposta de Lagati a surdocegueira ganha força para ser reconhecida como uma categoria, pois a surdocegueira conforme McLethie (2001) enfatiza sempre em sua fala “surdocego não é um surdo que não enxerga, ou um cego que não ouve”. Baseado nesta afirmação pode-se perceber que o surdocego é uma pessoa única e apresenta necessidades específicas para sua educação e para a vida.

Assim, em vários países do mundo foram escritas definições que hoje são reconhecidas. O Grupo Brasil a define conforme segue:

"Surdocegueira é uma deficiência singular que apresenta perdas auditivas e visuais concomitantemente em diferentes graus. Levando a pessoa surdocega a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender, interagir com as pessoas e o meio ambiente, proporcionando-lhes o acesso a informações, uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho.”(Grupo Brasil-2003). (Maia, 2004, p. 6)

Essa é a definição que adotamos neste trabalho.

2.1.2. Classificação

Segundo estudos de Serpa (2002), Grupo Brasil (2002), ASOCIDE - Associação de Surdocegos da Espanha (2002), Araóz (1999) e Maia (2004) a surdocegueira é classificada quanto ao período de surgimento:

- a) **Surdocegueira pré-lingüística:** é a criança que nasce surdocega ou adquire a surdocegueira nos primeiros anos de vida antes da aquisição de uma língua (português ou LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais). Um exemplo mais freqüente destes casos é a rubéola congênita.
- b) **Surdocegueira pós-lingüística:** é a pessoa que ficou surdocega após a aquisição de uma língua, seja oral ou sinalizada. O exemplo mais freqüente deste grupo é pessoas com Síndrome de Usher. Segundo Grupo Brasil (2002), este grupo de pessoas podem ser:
 - ✓ Pessoas nascidas com audição e visão normal e que adquiriram perdas totais ou parciais de visão e audição
 - ✓ Pessoas com perda auditiva ou surda congênitas com deficiência visual adquirida
 - ✓ Pessoas com perda visual ou cega congênitas com deficiência auditiva adquirida

Quanto à classificação da surdocegueira ainda podemos dizer quanto ao nível de funcionamento que segundo Maia (2004), pode ser subdividida em:

- a) **Baixo nível de funcionamento:** agrupa crianças, jovens e adultos que apresentam uma comunicação limitada a aspectos básicos, devido ao comprometimento severo dos seus sentidos de distância (visão e audição) para alcançar o impulso ou o desejo para interagir e aprender sobre o ambiente. A visão é o único sentido capaz de unificar, estruturar e organizar todas as outras percepções em um todo significativo.
- b) **Nível médio de funcionamento:** agrupa crianças, jovens e adultos já mais capazes de se interessar pelo mundo através dos seus resíduos de distância (visão e audição) e tem a possibilidade de generalizar estratégias de resolução de alguns problemas da vida cotidiana e de levar uma vida semi-independente. Geralmente contemplam um sistema de comunicação já não tão concreto no qual mais pessoas podem entender favorecendo sua inclusão em escolas e empregos.

- c) **Alto nível de funcionamento:** agrupa crianças, jovens e adultos sem outro comprometimento cognitivo que não seja a própria surdocegueira. São pessoas que demonstram interesse pelo mundo e são capazes de resolução de problemas que não só do cotidiano. Conseguem levar uma vida com aprendizagem normal, somente com as ajudas necessárias para a sua comunicação, já mais abstratas, para poder acessar às informações.

A surdocegueira ainda pode ser classificada quanto à perda, segundo Mesquita (2005):

- a) Surdocego total: ausência total de visão e audição.
- b) Surdocego com surdez profunda associada com resíduo visual: ausência de percepção da fala mesmo com aparelho de amplificação sonora individual, com resíduo visual que permite orientar-se pela luz, facilitando a mobilidade.
- c) Surdocego com surdez moderada associada com resíduo visual: dificuldade para compreender a fala em voz normal e sua percepção visual à luz permite mobilidade.
- d) Surdocego com surdez moderada ou leve com cegueira: dificuldade auditiva para compreender a fala em voz normal ou baixa, total ausência de visão, sem percepção de luminosidade.
- e) Surdocego com perdas leves, tanto auditivas quanto visuais: dificuldade para compreender a fala em voz baixa e seu resíduo visual possibilita que defina e perceba volumes, cores e leitura em tinta ampliada.

2.2. Síndrome de Usher

2.2.1. Definição

Conforme Grupo Brasil (2002) a Síndrome de Usher é uma doença genética com padrão de herança autossômica recessivo, perda auditiva neurosensorial congênita, isto é, presente ao nascimento, e apresenta uma perda visual devido a Retinose Pigmentar.²

2.2.2. Características

- a) Alterações audiológicas e vestibulares
- Geralmente a perda auditiva é bilateral e simétrica e são similares em ambos os ouvidos. Apresentam alteração no equilíbrio e tem dificuldades para andar em linha reta e pouca coordenação nos movimentos e alguma dificuldade na marcha.

² *Retinose Pigmentar (RP) refere-se a um grupo de doenças degenerativas e hereditárias da retina. (Grupo Brasil, 2002).*

b) Alterações visuais

Apresentam uma diminuição de campo visual e muitas vezes essa diminuição é rápida e progressiva. Não conseguem ver muito bem no escuro.

c) Alterações no comportamento e no sistema nervoso central

Vários estudos observaram alterações no comportamento em idades variadas, depressão e aos exames de tomografia e ressonância magnética aparecem às vezes atrofia cerebral sem uma evolução mais séria. Importante lembrar que nem todas as pessoas com esta síndrome desenvolvem alterações no comportamento ou deficiência intelectual.

2.2.3. Classificação

Tipos de Síndrome de Usher

Conforme Grupo Brasil (2002) temos:

Tipo I: surdez neurosensorial profunda a severa bilateral não progressiva e simétrica com início da retinose pigmentar dos 8 aos 15 anos e resposta vestibular alterada, apresentando cegueira noturna na infância.

Tipo II: surdez congênita leve a moderada não progressiva bilateral e simétrica com início da retinose pigmentar depois dos 15 anos de idade e resposta vestibular normal. Escotomas no final da infância ou adolescência, chegando à cegueira total na idade adulta.

Tipo III: surdez neurosensorial congênita progressiva com idade variável para o início da retinose pigmentar, resposta vestibular normal ou alterada. Cegueira noturna na infância ou adolescência, escotomas no final da adolescência ou no início da idade adulta. Cegueira total na idade adulta ou meia idade.

2.2.4. Sintomas mais comuns quanto a Visão

Ainda citando Grupo Brasil (2002), as pessoas com síndrome de Usher podem apresentar os seguintes sintomas na visão:

Cegueira noturna: este é o primeiro sintoma que aparece na Retinose Pigmentar. Os olhos perdem a capacidade de ver no escuro, para adaptar-se à luz brilhante e as mudanças rápidas de luz.

Perda da visão periférica: é uma degeneração da retina na qual as células perdem gradualmente a função de localizar objetos que estão ao seu lado. Perde a percepção periférica (dos lados) conservando uma visão de túnel (visão central).

Perda da visão central: esta é a etapa mais avançada da retinose pigmentar. Os olhos perdem a capacidade de ver os detalhes das coisas que se encontram a sua frente.

Com toda esta explanação sobre a Síndrome de Usher é importante que as pessoas desenvolvem sua identidade na base de suas relações com o mundo, com eles mesmos e com as outras pessoas. Ter Síndrome de Usher implica a aceitação de uma nova identidade no decorrer da vida, a mudanças de hábitos e a aquisição de novas habilidades. Segundo Jakes (2001) que é uma pessoa surdocega afirma:

“A surdocegueira não pode e não deve ser a razão para se renunciar; deve servir de desafio para estimular o intenso desenvolvimento de todas as relações humanas. (...) Somente ao aceitar e atuar livremente com esta nova identidade, é participar no seu próprio desenvolvimento humano. Se assim for, as pessoas surdocegas tem a oportunidade de converter-se em membros positivos de toda a comunidade humana”.

2.3. Necessidades Específicas das Pessoas Surdocegas para desenvolver a Orientação e Mobilidade

O ensino de Orientação e Mobilidade é muito mais que o uso correto de técnicas de guia vidente, auto-ajuda ou do uso de bengalas. É antes de tudo a possibilidade *que oferecemos* para a pessoa surdocega de aprender a organizar e familiarizar-se com o mundo, através do contato físico e de tudo o que possa permitir compreender o mundo ao seu redor.

Segundo Gense & Gense (2004) e Giacomini (2005) as necessidades das pessoas surdocegas para desenvolver a Orientação e Mobilidade estão relacionadas principalmente a três aspectos antes das técnicas propriamente dita de O&M, eles são:

- ✓ *Vínculo:* a aproximação deve ser tranqüila e devagar. Você pode gentilmente encostar a sua mão na mão da pessoa surdocega para ela saber que você está perto dela. Você pode combinar com a pessoa surdocega um toque na mão, antebraço ou no ombro como forma de identificação pessoal, o que facilitará o seu contato nos próximos encontros com esta pessoa.
- ✓ *Segurança:* a pessoa surdocega começa a se sentir mais tranqüila e saber que pode confiar nas pessoas as quais ela formou um vínculo. Tem também a segurança de poder identificá-las e assim, escolher com quem quer estar para realizar determinadas atividades e sentir-se mais encorajada e motivada em diversas situações.

- ✓ *Comunicação:* cada pessoa surdocega dispõe de um sistema de comunicação diferente. Estes podem ser do mais concreto (uso de objetos de referência) ao mais simbólico (libras tátil, escrita na palma da mão). O importante é que o profissional possa conhecer o sistema usado por seu aluno para que possa interagir diretamente com ele ou possa contar com a ajuda de um guia-intérprete³ ou instrutor-mediador⁴.

Lendo Garcia (2001), ela ressalta em seu trabalho sobre Orientação e Mobilidade, conceituação e significado no âmbito da cegueira, aspectos necessários a serem considerados para o desenvolvimento de orientação mobilidade das pessoas surdocegas as quais passamos a aderir a sua divisão que atende às especificidades dessas pessoas. Assim podemos dividir as necessidades em:

Fatores Interdependentes da Orientação e Mobilidade

- ✓ *Postura:* por postura podemos entender as várias posições do corpo: em pé, sentado, caminhando, correndo, deitado ou executando alguma atividade. Cada pessoa tem o seu padrão de postura e que resulta de influências do meio ambiente e da percepção que tem de seu próprio corpo. As pessoas com surdocegueira por não apresentarem o padrão visual favorável não podem imitar o seu entorno e não dispõe de uma imagem corporal adequada o que dificulta na correção de uma postura ideal e afeta o equilíbrio e o andar. Segundo Garcia 2001, a postura da pessoa cega é geralmente regulada por um mecanismo reflexo que a visão estrutura e organiza na pessoa vidente. As pessoas com cegueira congênita ou adquirida antes dos três anos carecem do conceito exato de “vertical” tão necessário para a orientação postural correta. A postura adequada traz uma boa percepção proprioceptiva e cinestésica e a boa locomoção depende de uma postura correta, o que podemos conseguir com programas de O&M.
- ✓ *Andar:* quando o bebê começa a dar os primeiros passos ele forma uma base aberta chamado “pé de pato” e os passos são curtos e irregulares e os braços não acompanham o movimento do corpo Garcia (2001). À medida que o bebê

³ *Guia-intérprete: é aquele profissional que serve de canal de comunicação e visão entre a pessoa surdocega e o meio no qual ela está interagindo. (GIACOMINI, L. et alli, 2002). O papel do guia-intérprete consiste em ser intérprete ou transliterador, descritor visual e guia. (RODRÍGUEZ, M. 2005).*

⁴ *Instrutor Mediador é a pessoa que media e faz a ponte entre o mundo e a pessoa surdocega. O papel do instrutor mediador é de intermediar a comunicação de pessoas surdocegas e deficientes múltiplos congênitos que não possuem um sistema de comunicação simbólica e guiá-la. (SERPA, X., 2005).*

vai se sentindo mais seguro, seus pés ficam mais fechados, os passos mais longos e o balanceamento dos braços começam a fazer parte do andar. Há muitos casos de pessoas surdocegas que necessitam recuperar esse andar, através de exercícios físicos ou atividades motoras.

- ✓ *Equilíbrio:* o aparelho vestibular é responsável pelo controle do equilíbrio junto com a visão como percepção e propriocepção dos pés e das pernas. O equilíbrio estático depende de uma base de sustentação ampla e a estabilidade depende de um centro de gravidade constante e estável. Já o equilíbrio dinâmico como depende da ação de muitas forças que durante a movimentação, deslocam o centro de gravidade, alinhando-se em seguida com um ajustamento que corrige a situação de equilíbrio. Bueno (1988 apud Garcia 2001). Para resgatar esse equilíbrio, as pessoas surdocegas, principalmente as de Síndrome de Usher que apresentam um equilíbrio pobre, necessitam realizar exercícios e atividades físicas para através destas atividades vivenciar situações de desequilíbrio-equilíbrio para aprender a dosar e controlar seus movimentos, reforçando a propriocepção.
- ✓ *Maneirismos:* são encontrados nas pessoas surdocegas e tem difícil aceitação na sociedade. Balançar o corpo para frente e para trás, movimentos exagerados de braços e pernas, cabeça inclinada e muitos outros, devem ser eliminados de uma forma positiva dando funções a alguns deles como auto-proteção ou ainda incentivando atividades físicas ou jogos de interesse, no qual, naturalmente são substituídos por outras atitudes positivas.
- ✓ *Desenvolvimento Motor:* inclui as habilidades motoras finas e grossas de uma forma harmoniosa e integrada que implica nos movimentos de musculatura, como caminhar ou correr ou movimentos mais finos como do pulso e das mãos.
- ✓ *Destrezas de Mobilidade:* incorporar as técnicas de orientação e mobilidade para promover o movimento no seu ambiente com segurança e facilidade (desenvolver memória muscular).

A importância das percepções não visuais para a O&M

- ✓ *Uso dos resíduos sensoriais:* otimizar a capacidade de uma pessoa surdocega a utilizar os sentidos residuais da visão, audição, assim como o sentido do olfato, tato, cinestésico e vestibular. É importante ensinar a

criança, jovem ou o adulto a interpretar as informações sensoriais, ajudando-o a usar informação para mover-se intencionalmente.

- ✓ *Ecolocalização*: as primeiras pesquisas mostram que os morcegos se utilizam bastante deste sistema para indicar a habilidade de transmitir um som e perceber o eco refletido como forma de ajudar, a saber, o tamanho de um determinado local ou de sentir-se melhor no espaço. Muitas crianças batem palmas como forma de localização de obstáculos, adultos às vezes usam molho de chaves como forma de acessar o eco do barulho das mesmas (função do uso da audição).
- ✓ *Localização dos Sons*: é uma habilidade para determinar com precisão a informação da fonte sonora como forma de ajudar a localizar objetos, pessoas e como forma de alerta e segurança. As pessoas surdocegas que apresentam um resíduo favorável são encorajadas a utilizá-lo em seu dia-a-dia.
- ✓ *Escutar seletivamente*: é a habilidade de extrair o som que necessita em determinado momento de vários outros sons.
- ✓ *Sombra Sonora*: a sombra do som é a área de silêncio atrás de um objeto que filtra as ondas sonoras, comparáveis à sombra produzida por um objeto, quando uma luz possa incidir sobre ele. É possível perceber postes, aberturas de colunas, paredes, garagens. (Garcia, 2001).
- ✓ *Sombra Cinestésica*: é a sombra das ondas que produzem os objetos quando estamos quase próximos deles como forma de antecipação e desvio de um obstáculo. Desta forma muitos surdocegos conseguem perceber que de repente uma parede está próxima ou há uma garagem dando uma sensação de abertura.
- ✓ *Sistema Háptico*: baseado em Montagu (1988), o termo háptico é usado para descrever o sentido do tato em sua extensão mental desencadeando diante da experiência real de se viver e agir no espaço. O sentido háptico é adquirido, pois se aplica a objetos vistos ou tocados ou que tivemos a oportunidade de manipular. O sistema háptico nos posiciona para o contato físico imaginativo com lugares e objetos que anteriormente tocamos e agora só vemos, ouvimos ou cheiramos. A pele é o sistema de órgãos mais importante do corpo. O ser humano poderá passar a sua vida toda

desprovida da visão, audição, do olfato e do paladar, mas de modo algum poderá sobreviver sem as funções desempenhadas pela pele.

- ✓ *Cinestesia Propriocepção*: é a sensibilidade para perceber os movimentos musculares ou das articulações e dar consciência da posição e do movimento do corpo. É assim que as pessoas surdocegas percebem desníveis muito sutis que às vezes passam despercebidos para os videntes.
- ✓ *Memória muscular*: a memória muscular é uma das funções do sentido cinestésico e é a repetição de movimentos em uma seqüência fixa que se converte em movimentos automáticos. É por uma função que as pessoas cegas, surdocegas conseguem caminhar e retornar ao ponto de partida, subir e descer escadas com eficiência todos os degraus de uma escada sem contá-los, o que não ocorre para as pessoas videntes, Garcia (2001).
- ✓ *Sentido Vestibular*: dá informações sobre a posição vertical do corpo e dos movimentos lineares e de rotação sobre o eixo de uma volta em graus. É a partir deste sentido que a pessoa surdocega consegue entender movimentos para a direita, esquerda ou virar em 90° graus.
- ✓ *Olfato*: é o sentido que nos oferece pistas sobre os variados cheiros de ambientes e que auxiliam ao conhecimento de lugares, como por exemplo, saber se está na cozinha, no banheiro, no salão de beleza etc. e também como pistas de ambientes na rua para saber se estamos perto da rota desejada, por exemplo: depois da padaria, encontraremos a farmácia.
- ✓ *Desenvolvimento de conceitos*: compreender conceitos como tamanho, forma e funções dos objetos, também quanto relações espaciais e posição. Incluem a consciência das partes do corpo, da capacidade de movimento e relação entre eles. Também implica no entendimento e conhecimento do seu ambiente. Está diretamente relacionado com o desenvolvimento cognitivo.
- ✓ *Habilidades de Orientação*: permite ao aluno interpretar e utilizar a informação sensorial para mover-se intencionalmente no ambiente. Estas habilidades são planejadas para ajudar as pessoas surdocegas em utilizar pista-chaves do ambiente (por exemplo, sons, cheiros, estímulos visuais e táteis), para obter informações sobre a localização atual com relação a outros locais.

Capítulo 3: O Programa Passo a Passo

*“Não poderemos ser autênticos se não formos corajosos.
Não poderemos ser originais se não lançarmos mão do destemor.
Não poderemos amar se não correremos riscos.
Não poderemos pesquisar ou perceber a realidade
se não fizermos uso da ousadia”.*
Hammed, Os Prazeres da Alma, 2004.

3.1. Histórico do Programa

Este Programa nasceu da observação do comportamento de surdocegos adultos que possibilitou detectar a necessidade de apoiá-los e despertar neles à vontade de estar em grupo, de comunicar-se, de poder se deslocar com independência e segurança, de estar incluso na vida cotidiana e profissional e, principalmente, de terem autonomia, no “ir e vir”, direito assegurado pela Constituição Federal do Brasil (1988).

Esta preocupação tornou-se mais evidente nas assessorias recebidas pelo Programa Hilton Perkins⁵ sobre o tema Orientação e Mobilidade (1997/1998), cuja atenção ainda estava voltada para surdocegos pré-lingüísticos e pouco se falava sobre o surdocego pós-lingüístico, que a princípio parecia determinado a somente se deslocar com a ajuda do guia-intérprete ou de seu instrutor mediador.

A maior ênfase para atendimento a esta população ainda estava calcada na recuperação da comunicação e não com a sua locomoção de forma independente. Duarte (2006) uma das precursoras na área de surdocegueira no Brasil, afirma:

“Nunca soube de um trabalho direcionado especificamente de Orientação e Mobilidade para o surdocego pós-lingüístico. A preocupação com a independência e a mobilidade destes, principalmente as pessoas de Usher⁶, começa a aparecer no final da década de 90”. (Ibid p. 1, Anexo A).

Baseados na Constituição Federal (1988), com vistas a favorecer a população de surdocegos a desfrutar de seus direitos, a nossa preocupação era a de desenvolver um programa de orientação e mobilidade que tivesse um olhar atento às especificidades e oferecesse respostas

⁵ Programa Hilton Perkins para América Latina.

⁶ Segundo publicações no *Jornal Internacional de Pesquisa de Reabilitação 2005. Vol. 28 Nº 4 da Inglaterra e na Cartilha Informativa sobre Síndrome de Usher do Grupo Brasil (2001) A síndrome de Usher é uma doença genética que causa perda neurosensorial, retinose pigmentar (RP) e às vezes problemas de equilíbrio. Estima-se que a prevalência alcance de 3,5 a 6,2 em 100.000, fazendo dela a causa mais comum de surdocegueira. É feita distinção entre três síndromes diferentes clinicamente: Usher tipo I, II e III. Os tipos diferentes são distinguidos por diferenças, na perda visual progressiva, no progresso e na gravidade da perda auditiva e pela presença ou ausência de problemas de equilíbrio (Damen, G.W. J., Krabbe, Paul, F.M, Kilsby, M. Mylanus, E. , 2005, 28 (4): 309-320).*

que atendessem às necessidades, para que esta população pudesse resgatar a liberdade, a autonomia e principalmente sua qualidade de vida.

Assim nasceu, em 2003, o Programa Passo a Passo que organiza um projeto específico para pessoas surdocegas pós-lingüísticas, ampliando as atividades criadas pela Ahimsa para surdocegos pré-lingüísticos e deficientes múltiplos sensoriais.

3.2. O Programa de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas

O programa de Orientação e Mobilidade foi baseado no Enfoque do Movimento, segundo Dijk (apud Goetz, Guen, Strenai-Campbell, 1983) o qual ressalta a importância da nutrição,⁷ da ressonância⁸ e do movimento co-ativo⁹ com pessoas surdocegas para o processo de aprendizagem. O autor assinala, ainda, a importância da relação do professor de orientação e mobilidade com a pessoa surdocega, que se inicia no corpo a corpo e não só de aplicação das técnicas de guia vidente, auto-proteção e de bengala longa.

Esse enfoque requer consideração à história de vida, às necessidades e interesses do aluno, suas condições sensório-motoras, seu estilo e ritmo de aprendizagem; o que envolve o bio-psico-social, para que ocorra transferência e autonomia na orientação e mobilidade em vários ambientes.

Os estudos de Hill (1990 apud Garcia, 2001) também contribuíram para organização pedagógica do Programa Passo a Passo, passamos a descrever, abaixo, os aspectos de maior relevância para o programa, tanto para surdocegos pré como para os pós-lingüísticos:

- a) **Aspectos Cognitivos:** aquisição e transferência para a prática de referências (corporal, de lateralidade, temporais, espaciais e outros); natureza dos objetos relacionados com o ambiente; nomear e reconhecer objetos bem como saber suas funções; lógica de pensamento; solução de problemas com atenção às tomadas de decisão; transferência, abstração e generalização.

⁷ A etapa de Nutrição é muito importante, pois, é neste período que a pessoa surdocega e o professor, criam vínculos, laços de confiança que servirão como base para as atividades que realizarão juntos. O sentimento de Segurança é fundamental para o aprendiz. Nesta etapa é importante o contato corporal para a realização de movimento favorecendo o aprendiz e construção da memória.

⁸ Na etapa de Ressonância, o professor se posiciona atrás da pessoa surdocega, envolvendo-a com seus braços, realizando as atividades e movimentos juntos.

⁹ Na etapa do movimento Co-Ativo fazemos uso da técnica de mão sobre mão (o professor posiciona sua mão sob a mão da pessoa surdocega) ajudando-a realizar explorações de objetos, pessoas, ambientes e em suas atividades.

- b) **Aspectos Psicomotores:** movimentos básicos com ou sem locomoção e manipulatórios; habilidades perceptivas (sensoriais residuais, hápticas, cinestésicas, propioceptivas, olfativas, de coordenação e outras); capacidades físicas (resistência e tônus muscular) e habilidades motoras.
- c) **Aspectos Psico-emocionais:** atitudes, auto-imagem, autoconfiança, interesse, disposição para aprender, controle emocional, trabalhar a aceitação da sua nova identidade e apoio da família.

Descrição do Programa de Orientação e Mobilidade

3.2.1. Para Surdocegos Pré-lingüísticos

A orientação e mobilidade das crianças surdocegas pré-lingüísticas inicia-se a partir do momento em que ela nasce. Ela faz parte da rotina diária de vida e não, como se pensava anteriormente, na necessidade de criar um programa específico para treinamento de técnicas, segundo Murdoch (1989).

A mobilidade começa através do espaço nos braços da mãe e dos movimentos que esta faz com o seu bebê quando, por exemplo, o faz dormir, balançando-o suavemente. Quando ela leva o bebê do quarto para o banheiro, na hora do banho; quando ela o coloca na cadeira na cozinha para alimentá-lo; quando ela o leva para a sala para brincar, ela está realizando a Orientação e Mobilidade com o seu bebê.

Com o desenvolvimento da criança surdocega, ela vai sendo exposta a outras experiências como engatinhar, andar com apoio de um adulto, saber posicionar suas mãos como proteção, utilizar carrinhos de brinquedo como antecipador de obstáculos e a própria pré-bengala como instrumentos para se deslocar com segurança e confiança para conhecer seu entorno.



Carrinho de brinquedo



Uso de pré-bengala



Uso de pré-bengala

Os pais recebem orientação sobre as técnicas do guia vidente para poder auxiliar seus filhos.



Mãe utilizando Técnicas de guia vidente e rastreamento

Muitas crianças resistem ao contato ao serem seguradas e movimentadas. Sentem muito medo do que vai acontecer, tendo muitas vezes um comportamento passivo ou de choro intermitente. Seguindo as orientações descritas e sugeridas por McInnes&Treffry (1988), pode-se amenizar a angústia e ansiedade da criança.

- ✓ **Antecipar** – diga o que vai acontecer, o que vão fazer, para onde vão e se preciso, coloque sua mão sob a mão da criança para que ela se encoraje a explorar objetos, ambientes ou pessoas.
- ✓ **Motivar** – relate, conte, incentive e vivencie o momento do jogo ou da atividade para que ela se motive cada vez mais a fazer.
- ✓ **Comunicar** – durante a atividade ou jogo é muito importante continuar conversando sobre o que está acontecendo e às vezes lembrando a criança do que está fazendo. Isto a ajuda a construir memória da atividade (sensações motoras), do ambiente (espaço que está sendo explorado) e quando se faz uma pausa na atividade que se está realizando, pode revelar intenções comunicativas da criança, levando-a a desenvolver uma comunicação mais expressiva.
- ✓ **Confirmar** – reforçar que ela conseguiu realizar a atividade, que ela pode repetir, de que é capaz.

Segundo Troncoso (2002) para que a criança surdocega adquira a aprendizagem de se deslocar e explorar o seu entorno com autonomia é importante que desenvolva os seguintes aspectos:

- ✓ **Imagem corporal:** como ela consegue ter representação do seu próprio corpo.
- ✓ **Conceito corporal:** conhecer e nomear as partes de seu corpo e entender para que servem.
- ✓ **Consciência sensorial:** é saber receber a informação do meio através de todos os sentidos.
- ✓ **Conceitos espaciais:**
 - *Permanência de objetos:* compreender que os objetos existem mesmo quando não se pode tocar, escutar ou sentir.
 - *Noções espaciais:* entender as relações espaciais que existem entre os objetos, pessoas como em cima/ embaixo, perto / longe, à frente / atrás, entre, dentro /fora e outros.
 - *Noções temporais:* entender que existe ontem, hoje, amanhã, o dia, a noite, o antes e o depois.
- ✓ **Capacidade de buscar:** aprender a buscar e encontrar objetos.
- ✓ **Movimentos independentes:** capacidade de girar, rodar, engatinhar, caminhar.

À medida que este desenvolvimento ocorre, pode-se pouco a pouco ir introduzindo as *técnicas de auto-proteção* (proteção superior, inferior, rastreamento, localização de objetos e familiarização dos ambientes), *de desenvolvimento da orientação* (uso dos sentidos remanescentes – tato, háptico, olfato, visão, audição, cinestésico, proprioceptivo, vestibular – para conhecer os pontos de referência significativos e seguros e realizar a leitura de mapas táteis). O uso das técnicas de Guia Vidente é de suma importância, o professor de Orientação e Mobilidade deverá estar atento ao momento ótimo para oferecer a bengala¹⁰ ou a pré-bengala¹¹ quando de fato este instrumento possa ser usado com propriedade e segurança pela criança, transformando-se em um facilitador para seu deslocamento.

¹⁰ *Bengala: bastão geralmente confeccionado em alumínio. Já há algumas versões em fibra de vidro que são mais leves e dá maior sensibilidade ao usuário. Pode ser fixa ou dobrável. Podemos encontrar bengalas com ponteiros de silicone fixa, de alumínio e com o sistema roller.*

¹¹ *Pré-bengala: é um objeto retangular, confeccionada em canos PVC, que possibilita o apoio das duas mãos, dispensando o arco de proteção de uma bengala longa e servindo como identificador de obstáculos. Assim como a bengala, é confeccionada na altura correta do usuário. A altura é medida a partir do diafragma da pessoa até o chão. Depois, mede-se o ombro do usuário, acrescentando-se 2 cm de cada lado.(Foy & Kirchner, 1991).*

Pode-se construir estes conhecimentos através de jogos e atividades simples na rotina diária de um bebê e de uma criança surdocega o que ajudará a desenvolver sua orientação e mobilidade desde o primeiro ano de vida.

A participação da família de forma orientada é imprescindível neste processo. Serpa (2003).

3.2.2. Para Surdocegos Pós-lingüísticos

As técnicas utilizadas para o desenvolvimento da Orientação e Mobilidade para as pessoas surdocegas pós-lingüísticas foram organizadas a partir das técnicas de Orientação e Mobilidade para pessoas com deficiência visual mencionadas no capítulo 1.

A) Guia Vidente. Adaptações realizadas para pessoas surdocegas pós-lingüísticas.

É necessário combinar um sinal na mão como forma de identificação pessoal. Isso facilitará seu próximo contato e identificação.

- 1) **Aproximando-se de uma pessoa surdocega:** A guia toca a mão do surdocego e faz o seu sinal tátil.



- 2) **Posicionando os braços:** pessoas surdocegas podem ser guiadas como as pessoas com



deficiência visual, segurando no cotovelo do guia, em posicionamento de 90° graus. Como guia seu braço deve estar sempre relaxado. Ambos os braços devem permanecer bem próximos ao corpo, lateralmente.. A pessoa surdocega fica meio passo para trás. O ritmo da caminhada depende da escolha

individual. Evite apressar-se ou correr, pois pode ser assustador para a pessoa surdocega. O caminhar muito lento, e com paradas não significativas, podem levar o aluno a distrair-se e desinteressando-se pelo seu trajeto.

2. 1) Adaptações necessárias para posicionamento de braço:

Essas adaptações foram feitas principalmente para pessoas com Síndrome de Usher que apresentam dificuldades de equilíbrio.

De braços dados e segurando levemente o antebraço,



Ou



Unindo braços ou de mãos dadas.

Ou

Quando o surdocego for mais alto que o guia, ele poderá colocar a mão no ombro do guia para se sentir mais seguro.



Ou o guia oferecendo seu braço à pessoa surdocega como uma pré-bengala.



A posição do braço deve ser confortável para ambas as pessoas. A pessoa surdocega deve posicionar-se ao lado do seu guia-intérprete de acordo com o seu conforto, e do lado que melhor puder aproveitar os resíduos auditivos e visuais.

3) Passando por lugares estreitos: em lugares que se tornam estreitos ou difícil de andar lado a lado, direcione seu cotovelo ao centro de suas costas e estenda seu braço; a pessoa surdocega que está sendo guiada estende seu braço para andar atrás do guia.



Com cuidado, ande em fila única.



Ambos devem estar um passo de distância

3.1) Adaptações Algumas pessoas surdocegas quando caminham por passagens estreitas se sentem mais seguras e protegidas se colocarem suas mãos nos ombros ou na cintura do guia. Isso ocorre principalmente com pessoas surdocegas pós-lingüísticas com dificuldades de equilíbrio.



4) Abrindo portas: para pessoas surdocegas é necessário adaptações ao se aproximar de uma porta. É possível ser realizada em três posições

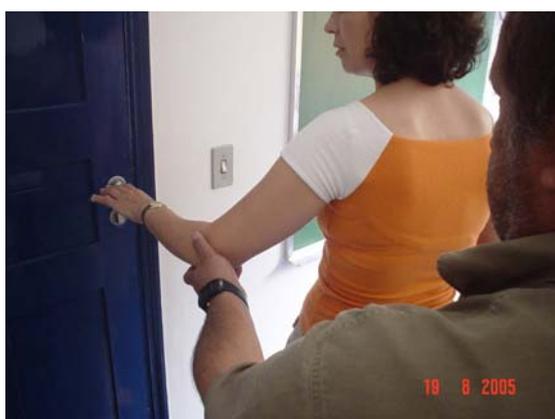
4.1). Se a pessoa surdocega estiver segurando o braço que o guia-intérprete usa para abrir a porta, então poderá sentir o movimento da porta e saberá se a mesma abre para dentro ou para fora. A realização desta ação (abrir e fechar a porta) é feita pelo guia-intérprete.



4.2) Quando a pessoa surdocega estiver segurando o braço do guia-intérprete, e este usar o outro braço para abrir a porta, a pessoa surdocega deverá ser informada pelo guia-intérprete se a porta abre para dentro ou para fora.. A realização desta ação (abrir e fechar a porta) é feita pelo guia-intérprete



4.3) O guia-intérprete também poderá transferir a mão da pessoa surdocega para o braço que abrirá a porta.



Nota: Em todas as situações, a pessoa surdocega, se desejar, poderá deslizar sua mão pelo braço do guia-intérprete até a maçaneta da porta e fechá-la.

5) Utilizando escadas. Adaptação necessária:

5.1) Avise a pessoa surdocega que vocês estão se aproximando de uma escada e que subirão ou descerão por ela, através de seu sistema de comunicação ou sinaliza com uma parada mais acentuada, sempre se aproxime da escada em ângulo reto (perpendicular ao degrau) pare no canto do primeiro degrau



5.2) O guia-intérprete posiciona sua mão sobre o corrimão e pede que a pessoa surdocega coloque a mão sobre a sua, de forma que os dedos da pessoa surdocega tomem contato com o corrimão. Depois o guia-intérprete vai retirando suavemente a sua mão, deixando que a pessoa surdocega possa segurar sozinha no corrimão. O guia-intérprete poderá caminhar à frente ou ao lado da pessoa surdocega, que tem uma das mãos deslizando pelo corrimão e com a outra poderá segurar o braço do guia-intérprete. Os dois devem manter um bom ritmo para ambos até alcançarem o topo ou o final da escada. Esse procedimento serve também para escadas rolantes



5.3) Ao subir ou descer apenas um degrau, como por exemplo, o meio-fio, o guia-intérprete pode parar brevemente e levantar ou abaixar o braço em que a pessoa surdocega está segurando e sinalizar pausadamente indicando assim se vai descer ou subir, evitando insegurança à pessoa surdocega.



6) Sentar-se. Adaptações necessárias O guia-intérprete deverá posicionar sua mão sob a mão da pessoa surdocega e tocar o encosto da cadeira ou banco (este procedimento é necessário para que a pessoa surdocega se sinta segura ao tocar um objeto e reconhecê-lo), permitindo que os dedos desta possam tocar o objeto (cadeira ou banco). O guia-intérprete retira lentamente sua mão para que a pessoa surdocega possa reconhecer a posição e o tipo de assento e quando se sentir pronta, ela poderá então se sentar:

6.1)





7) Entrando no carro: Para as pessoas com deficiência visual esta técnica ocorre de maneira descritiva. Com a pessoa surdocega foi necessário adaptar esta técnica descritiva a movimentos corporais e de posicionamento de mãos

7.1) Verificando a altura da maçaneta O guia-intérprete posiciona sua mão na maçaneta da porta e permite que a pessoa surdocega segure no seu braço e através do movimento, perceba a altura da maçaneta.



O guia-intérprete retira lentamente a sua mão para que a pessoa surdocega possa segurar a maçaneta e abrir a porta.



7.2) Verificando a altura do carro: O guia-intérprete deverá posicionar sua mão sob a mão da pessoa surdocega e permitir que ela toque o capô do carro para que tenha idéia da altura deste para adequar sua postura ao entrar no carro.

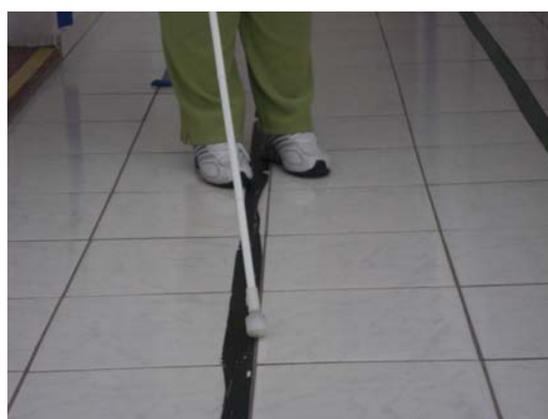


B) Técnicas com a Bengala Longa

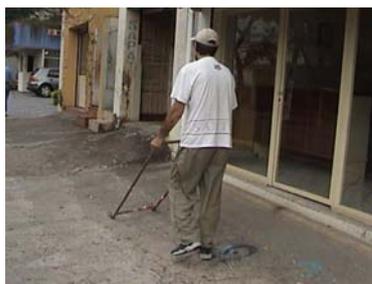
1) Utilizando Tecnologia Assistiva (Loops): Algumas pessoas surdocegas com Síndrome de Usher que apresentam resíduos auditivos ao percorrerem grandes percursos e lugares muito ruidosos podem utilizar o Loops (aparelho no formato de rádio frequência que amplifica o som) para se sentirem mais seguros. O guia-intérprete fica com um microfone e a pessoa surdocega com o retransmissor. Assim, o guia-intérprete pode antecipar os obstáculos, esquinas favorecendo a locomoção da pessoa surdocega com mais tranquilidade. Este recurso pode ser utilizado quando o guia-intérprete tem mais que uma pessoa surdocega para guiar.



- 1.1) Uso de bengala longa com roller:** este tipo de bengala mostrou ser uma forma eficiente de uso para as pessoas surdocegas, por favorecer a elas uma maior segurança na sua locomoção e deslocamento, ao realizar o arco de proteção sem utilizar a técnica do ponto-a-ponto.

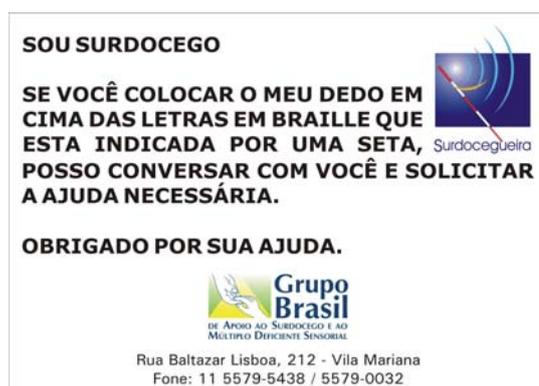


- 2) Uso da pré-bengala:** a pré-bengala pode ser usada também pelas pessoas surdocegas adultas que apresentam dificuldade no equilíbrio, pessoas idosas ou por pessoas que apresentam problemas motores ou cognitivos e que não conseguem realizar o arco de proteção com a bengala longa.

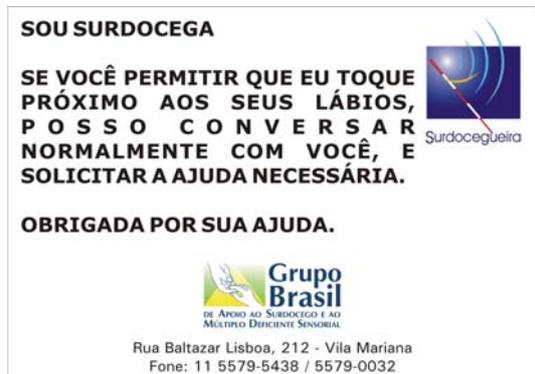


3) Usando placa de comunicação: para dar autonomia para a pessoa surdocega que já utiliza a técnica da bengala longa é necessário o uso da placa de comunicação como recurso para solicitar informações, pedir ajuda e identificar-se como uma pessoa surdocega.

A placa foi criada de acordo com o sistema de comunicação utilizado pela pessoa surdocega constando no seu verso uma apresentação, dizendo que a pessoa é surdocega e que conseguirá se comunicar com o seu interlocutor desde que ele toque o dedo do surdocego na letra que está em Braille, indicada por uma seta.



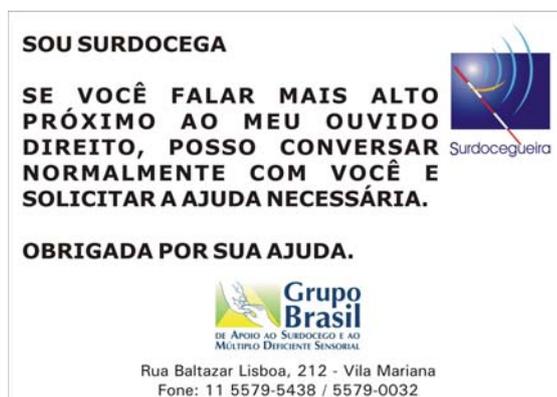
Frente e verso para todos os sujeitos: CJ, CR, C, E e N.



Verso para C



Verso para N



Verso para E

4) Técnica das “pontes”: é a utilização permanente de usuários nos locais onde trafegam diariamente as pessoas surdocegas e esses podem ser “pontes” para maior autonomia no deslocamento deles. Por exemplo: a pessoa surdocega pega o ônibus e sabe quanto tempo geralmente leva este percurso, sabe também que o motorista está previamente avisado onde ela deve descer, porque quem a embarcou já informou o motorista. Chegando ao ponto onde ela deve descer, será recebida por uma pessoa chave desse local (jornaleiro, frentista de posto e outros). Esta pessoa chave encaminhará a pessoa surdocega a outro tipo de transporte ou a orientará sobre a rota a ser seguida. Esta é uma forma de conscientizar, treinar e fazer com que a comunidade possa conhecer e colaborar na autonomia da pessoa surdocega.

3.3. Atitude do Educador para realização do programa de Orientação e Mobilidade

Segundo Nunes (2004) o papel do educador é fundamental para o desenvolvimento da pessoa surdocega, promovendo a aquisição do conhecimento por meio dos movimentos e da intermediação necessária para que a pessoa surdocega realmente aprenda sobre tudo que está a sua volta.

Refletiu-se sobre esses aspectos para organização dos passos e atitudes necessárias do educador em um programa de orientação e mobilidade para pessoa surdocega.

- ✓ Realizar uma Avaliação Funcional Centrada na Pessoa Surdocega¹² e levantamento do repertório do aluno para a participação no Programa.
- ✓ Ser flexível
- ✓ Dominar a forma de comunicação da pessoa surdocega
- ✓ Orientar a família
- ✓ Respeitar o ritmo do aluno para aceitação do uso da bengala ou pré-bengala
- ✓ Respeitar a diversidade no trato interpessoal.
- ✓ Informar sobre o uso correto das técnicas para garantir a segurança do aluno.
- ✓ Utilizar todo e qualquer uso residual dos sentidos remanescentes.

¹² É uma abordagem alternativa desenvolvida por Van Dijk que visa observar as pessoas com surdocegueira e deficiência múltipla numa perspectiva interativa e holística. Este modelo de avaliação é desenvolvido através de uma abordagem conversacional, em oposição aos procedimentos resultantes da avaliação tradicional que se baseiam, sobretudo, na pergunta-reposta.. À medida que avaliação decorre são adicionadas novas experiências adequadas ao nível do desenvolvimento da pessoa surdocega implicando a construção de novas competências. (cf. Nunes, 2004, p .6)

3.4. Necessidade de organizar e registrar as observações dos casos em atendimento

A princípio os registros foram realizados como pequenas anotações ou lembretes para adequar as técnicas a cada pessoa, tendo como objetivo levantar as dificuldades durante o trajeto e as necessidades de comunicação para melhorar a autonomia deles.

Com a organização destes dados percebemos que os registros deveriam ter um formato mais técnico, por isso a organização de um protocolo de observação e avaliação para o programa de Orientação e Mobilidade. (Anexo B)

Capítulo 4: Método e Pesquisa

“O amor nos põe à disposição o mais frutífero e abençoado dos terrenos para o crescimento interior. Esse ‘solo fecundo’, quando fertilizado pelo afeto real, nos faz abrir mão da ilusão de possuir toda a verdade, eliminando, em consequência, nossas síndromes de inflexibilidade”.
Hammed, *Os Prazeres da Alma*, 2004.

4.1. Sujeitos

A pesquisa foi realizada com quatro surdocegos pós-lingüísticos de Síndrome de Usher e um surdocego pós-lingüístico por acidente.

4.2. Coleta de Dados

Para esta coleta de dados usamos segundo Bogdan e Biklen (1982) a pesquisa etnográfica, qualitativa ou naturalística, “que envolve a obtenção de dados descritivo, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo que o produto e se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes”. Foi criado um Protocolo de Observação para garantir as características e as necessidades específicas de cada sujeito, os quais estão anexados neste trabalho.

4.3. Análise dos Dados

Segundo Ludke e André (1986), analisar os dados de forma qualitativa significa “trabalhar” todo material obtido durante a pesquisa. Nosso material de pesquisa foram os registros das observações realizadas sobre as aulas de orientação e mobilidade dos alunos surdocegos.

Nossa proposta de trabalho para análise de dados foi:

- ✓ Releitura do material pesquisado
- ✓ Organização das descrições em determinada ordem
- ✓ A partir dessa organização, foi feita uma classificação dos dados, considerando os itens do Protocolo de observação e Avaliação do Questionário de cada sujeito.

Ficamos atentos para analisar o conteúdo referente aos itens do Protocolo, quanto os dados detalhados da descrição do ocorrido nas situações de aula, isto é as manifestações corporais, interrupções e pausas nas atividades, silêncios e ruídos, etc. e dados do questionário.

As análises dos dados foram realizadas, a luz dos referenciais teóricos existentes sobre orientação e mobilidade de pessoas com deficiência visual e material referente a pessoas surdocegas.

Capítulo 5: Análise dos Dados

“É preciso esclarecer que a verdadeira compaixão não se assemelha à pena ou a um sentimento de que os outros nos sejam de algum modo inferiores. Pelo contrário, com a verdadeira compaixão, consideramos os outros mais importantes que nós mesmos.”.
Dalai Lama, O Livro da Sabedoria, 2002.

5.1. Questionário referente à inscrição no Programa Passo a Passo (AnexoD)

Quadro 1: Dados dos sujeitos

Sujeitos	Idade	Sexo	Grau de Instrução	Etiologia	Patologias
N.	55	Masculino	Ensino Fundamental II Incompleto	Síndrome de Usher	Retinose Pigmentar com visão tubular e Perda Auditiva moderada
C. J.	47	Masculino	Ensino Médio Completo	Síndrome de Usher	Retinose Pigmentar com visão tubular e Perda Auditiva Severa
C.R.	59	Masculino	Superior Incompleto	Acidente	Cegueira e Surdez Total
E.	41	Feminino	Ensino Médio Incompleto	Síndrome de Usher	Retinose Pigmentar com visão tubular e Perda Auditiva moderada
S.	38	Feminino	Ensino Fundamental II Completo	Síndrome de Usher	Cegueira e Surdez Total

Quadro compilado referente ao anexo D: Questionário de inscrição no Programa Passo a Passo

Pergunta 1- Dados dos sujeitos

Idade			Sexo		Grau de Instrução					Etiologia		Patologias		
30 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	Masc.	Fem.	E.F.I.	E.F.C.	E.M.C.	E.M.I.	E.S.I.	Síndrome de Usher	Acidente	Retinose Pigmentar com visão tubular e Perda Auditiva Moderada	Cegueira e Surdez Total	Retinose Pigmentar com visão tubular e Perda Auditiva Severa
01	02	02	03	02	01	01	01	01	01	04	01	02	02	01

Legenda

E.F.I.-Ensino Fundamental Incompleta

E.F.C. Ensino Fundamental Completa

E.M.C. Ensino Médio Completo

E.M.I. Ensino Fundamental Incompleto

E.S.I. Ensino Superior Incompleto

Quadro 2: Formas de Comunicação

Sujeitos	Formas de Comunicação Que usa diariamente	Recursos utilizados para receber a comunicação	Formas de Comunicação que domina
N.	Fala	Loops Fala Ampliada	Fala, Braille, Escrita na palma da mão
C. J.	Libras Escrita a tinta Alfabeto dactilológico	Libras Tátil Alfabeto Dactilológico Braille Escrita á tinta em contraste e ampliado	Braille, Alfabeto Dactilológico e Libras Tátil, Escrita à tinta em contraste e ampliado
C. R.	Libras Fala	Libras Tátil Escrita em caixa alta na palma da mão	Braille, Escrita em caixa alta na palma da mão
E.	Fala	Loops Fala Ampliada Braille	Braille, Escrita na palma da mão
S.	Fala Tadoma	Tadoma	Braille, Escrita na palma da mão, Alfabeto Dactilológico, Libras Tátil Fala Tadoma

Quadro 3: Dados sobre Orientação e Mobilidade

Sujeitos	Possui bengala longa?	Já frequentou um Programa de O&M?	Tem alguém que guia você no seu dia-a-dia?	Que locais costuma frequentar		Tem apoio da família para realizar seu deslocamento?	Diga a importância deste Programa de O&M
				Sozinho	Com pessoas		
N.	Sim	Sim	Sim. Amigos, Filhos.	Grupo Brasil e comércio perto de casa	lojas, mercados e Passeios: (Museus, Centro Cultural, e Jardim Botânico e Clube Maeda).	Sim	Indispensável
C. J.	Sim	Sim	Sim. Amigos	Casa de amigos	Passeios: (Museus , Centro Cultural,e Jardim Botânico e Clube Maeda)	Não	Indispensável
C. R.	Sim	Sim	Sim. Esposa	Só dentro de casa (SP e praia)	Lojas Passeios: (Museus , Centro Cultural,e Jardim Botânico e Clube Maeda).	Sim	Muito Importante
E.	Sim	Sim	Sim. Irmã	Grupo Brasil, Casa de amigos, Fundação Dorina	Lojas e mercados	Sim	Indispensável
S.	Sim	Não	Sim. Amigos e Zelador do prédio	---	lojas, mercados Passeios: (Museus , Centro Cultural,e Jardim Botânico e Clube Maeda).	Sim	Indispensável

Quadro 3.1. Compilação sobre Dados de Orientação e Mobilidade

Perguntas 7, 8, 9 e 11		Sim	Não
Possui bengala longa?		05	0
Já frequentou um Programa de O&M		04	01
Tem apoio da família para realizar seu deslocamento?		04	01
Tem alguém que guia você no seu dia-a-dia?		05	0
Quem?	amigos	03	
	esposa	01	
	irmãos	01	
	filhos	01	
	Zelador do prédio	01	

Quadro 3.2. Compilação quanto a Dados de Orientação e Mobilidade – Pergunta 10

Locais que costumam frequentar	Grupo Brasil	Comércio perto de casa	Casa de amigos	Casa da Praia	Fundação Dorina	Só dentro de casa	Passeios: (Museus , Centro Cultural,e Jardim Botânico e Clube Maeda).	Lojas	Mercados
Sozinho	02	01	02	01		01			
Com pessoas					01		04	04	03

**Quadro 3.3. Compilação sobre Dados referentes à Orientação e Mobilidade
Pergunta 12**

Comentários	Diga a importância deste Programa de O&M
Indispensável	04
Muito Importante	01
Regularmente importante	0
Pouco Importante	0
Nada acrescenta	0

5. 2. Questionário referente à Avaliação do Programa Passo a Passo pela pessoa surdocega (Anexo E)

Quadro 1: Quanto à expectativa sobre o curso de Orientação e Mobilidade Perguntas 1 e 2 e 3

Sujeitos	A Oficina de O&m atingiu suas expectativas	Por que
N.	Sim	Por te utilizado o Loops
C. J.	Sim	Aprendi muito com o treinamento
C. R.	Sim	Aprendi mais
E.	Sim	Porque antes eu me deslocava como uma pessoa cega.
S.	Sim	Porque já consigo sair do Grupo Brasil e ir sozinha para casa

Quadro 2: Quanto a maior dificuldade para ter autonomia - Pergunta 4

Sujeitos	Dificuldade para Autonomia na O&M
N.	Dificuldade com as escadas, mas depois do treinamento melhorou.
C. J.	Muita insegurança por falta de acessibilidade (excesso de degraus nas ruas) e falta de faróis (principalmente no trajeto casa-trabalho, havia locais que não tinham faróis)
C.R.	Preciso de mais segurança para enfrentar os obstáculos, mais treino na rua.
E.	De conseguir utilizar os resíduos auditivos para perceber as pistas sonoras e de me deslocar com ajuda de uma linha guia, por exemplo, a parede.
S.	Muitos obstáculos por falta de acessibilidade (muitos degraus) geram insegurança

Quadro 3: Quanto ao Uso de Recursos - Perguntas 5, 6, 7 e 8

Sujeitos	Uso da bengala longa	Uso da pré-bengala e favorecimento da mobilidade	Reconhece Mapa Tátil?
N.	Sim	Sim usei. Não favoreceu porque não tenho dificuldade motora e problemas de equilíbrio	Não
C. J.	Sim	Sim usei mas não favoreceu . Sinto-me seguro com a bengala longa	Não
C. R.	Sim	Sim usei e foi muito bom porque não precisava fazer o arco de proteção e me senti mais seguro para me deslocar	Não
E.	Sim	Sim usei mas não favoreceu porque segurar com as duas mãos não era confortável e tive dificuldade em me orientar nas esquinas para me deslocar	Sim
S.	Sim	Sim usei mas não favoreceu porque não tenho dificuldade motora e sinto-me segura com a bengala longa	Sim

Quadro 4: Quanto ao Deslocamento - Perguntas 9 e 11

Sujeitos	À noite			Desloca-se com apoio de Familiares	
	Sim	Não	Porque	Sim	Não
N.	X		Desviar dos obstáculos Luzes do carro atrapalham par localizar as linhas guias.	X	
C. J.		X			X
C. R.	X		Insegurança	X	
E.	X		Falta de Audição Por apresentar a cegueira noturna, as luzes dos carros e da rua, atrapalham na minha localização e direção.		X
S.	X			X	

Quadro 05: Referente ao anexo “E” Avaliação do Programa Passo a Passo

Perguntas (10, 12, e 16)	Sim	Não	Não respondeu	Observações
O curso favoreceu sua Orientação e Mobilidade	02		03	1- Favoreceu, pois informou detalhes do uso de outros sentidos como: movimento, o uso do Loops para agilizar o deslocamento. 2- Segurança
Tem contato com outras pessoas surdocegas do programa	05			1- Irmãos de amigos surdocegos
Você recomenda este Programa para outra pessoa surdocega	05			1- Vão aprender o uso de outras técnicas e recursos e vão ter mais autonomia como eu conquistei. 2- Para aprender mais sobre como vencer obstáculos. 3- Aprender O&M para ser independente. 4- Facilita o dia a dia de ir e vir 5- Aprender O&M para ser independente (igual a nós). Nos sentimos mais livres com a bengala e as técnicas.

Quadro 6: Referente ao Uso de Técnicas e Recursos na Orientação e Mobilidade**Pergunta de nº13: Qual técnica e recursos acharam mais fácil para realizar?**

Técnicas e recursos	Sujeitos				
	N	CJ	CR	E	S
Pré Bengala			X		
Bengala com roller	X				X
Bengala com apoio do uso do Loops				X	
Guia-Vidente					
Uso da Placa de Comunicação	X	X			X
Todos		X			

Quadro 7: Referente a Avaliação do Programa Passo a Passo

Perguntas 14 e 15	Sujeitos				
	N	CJ	CR	E	S
O que precisa ser modificado no Programa Passo a Passo para melhorar a sua orientação e mobilidade.	Nada	Nada	Mais Tempo	Sem Sugestões	Nada
Depoimento				Foi muito bom depois do treinamento tive mais segurança, mais informações sobre outros recursos e mais autonomia.	

Compilação do Quadro 2 do anexo “C”

Necessidades Ambientais	Ambientes	Detalhamento	Sujeitos
<p>Quantidade de Luz <i>Análise quanto:</i></p> <p>Iluminação na área de abrangência</p>	Na rua	<p>1- A claridade atrapalha.</p> <p>2- Usa óculos escuros para diminuir a claridade.</p> <p>3- Utilizam boné e óculos escuro para diminuir a claridade.</p> <p>4- Não utiliza nenhum recurso para minimizar a claridade.</p> <p>5- Indiferente</p>	<p>04</p> <p>01</p> <p>02</p> <p>01</p> <p>01</p>
	Escola	<p>1- Precisam de ambientes claros para se localizar</p> <p>2- Indiferente</p>	<p>04</p> <p>01</p>
<p>Iluminação de uma área específica (referências ex: parte de um quadro de anotação).</p>	Na rua	<p>1- Não utiliza</p> <p>2- Utiliza a iluminação como ponto de referencia para localizar-se.</p> <p>3- Indiferente</p>	<p>02</p> <p>02</p> <p>01</p>
	Escola	<p>1- A iluminação é melhor quando está sobre objetos na mesa ou incidindo sobre as escadas</p> <p>2- Indiferente</p>	<p>04</p> <p>01</p>

Continuação da compilação do Quadro 2 anexo “C”

<p>Tipo de Luz <i>Identificação quanto a:</i> Iluminação Natural Incandescente ou Florescente</p>	Na rua	1- Há necessidade da diminuição da luz natural porque atrapalha o deslocamento. 2- Indiferente	04 01
	Escola	1- Incandescente ou Fluorescente ajuda na localização interna de objetos /ambientes e melhora o deslocamento. 2- Indiferente	04 01
<p>Tipo de fonte de luz que ele prefere</p>	Na rua	1- Nublado e com pouco sol 2- Indiferente	04 01
	Escola	1- Luz Fluorescente 2- Indiferente	01 01
<p>Localização do ângulo da luz <i>Descrição quanto a:</i> Relação da fonte de luz natural ou artificial para o aluno</p>	Na rua	1- Não utiliza 2- Luz natural com pouca intensidade incidindo em placas, toldos, calçadas como ponto de referência. 3- Indiferente	02 02 01
	Escola	1- Luz artificial ou natural sobre o objeto/ ambiente ajuda na localização espacial. 2- Indiferente	04 01
<p>Efeito da iluminação nos diferentes posicionamentos no desempenho da mobilidade.</p>	Na Rua	1- Não utiliza 2- Ajuda a deslocar-se melhor e usa como referência 3- Indiferente	02 02 01
	Escola	1- A Luz ajuda com incide sobre o chão ou objeto 2- Indiferente	04 01
<p>Adaptação de Luz <i>Avaliação quanto a:</i> Mudança na visão funcional de ambientes externos para internos ou vice e versa.</p>	Na rua	1- Há interferência da intensidade de luz (interna e ou externa) na utilização da visão funcional devido a retinose pigmentar (acomodação visual). 2- Não há interferência 3- Indiferente	03 01 01
	Escola	1- Há interferência da intensidade de luz (interna e ou externa) na utilização da visão funcional devido a retinose pigmentar (acomodação visual). 2- Não há interferência 3- Indiferente	03 01 01
<p>Clareza <i>Determinação quanto a:</i> Fontes de clareza ex: reflexo de janela, piso, água,</p>	Na rua	1- Não utiliza	01
		2- Reflexo de clareza ajuda a se localizar melhor e serve como ponto de referência. 3- Indiferente	03 01

	Escola	1- Reflexo de claridade ajuda a se localizar melhor e deslocar-se com mais segurança. 2- Reflexo de claridade de janelas e pisos ajuda no deslocamento e localização. 3- Indiferente	01 03 01
Efeitos da iluminação do sol	Na rua	1- Ofusca e faz lacrimejar os olhos dificultando o deslocamento e a orientação. 2- Ofusca e dificultando o deslocamento e a orientação 3- Indiferente	01 03 01
	Escola	1- Não há interferências 2- Indiferente	04 01
Cor e Contraste <i>Avaliação quanto á:</i> Cor e Contraste na Orientação e Mobilidade	Na Rua	1- Não utiliza 2- Toldos, Placas, Pisos contrastante. 3- Indiferente	01 03 01
	Escola	1- Paredes, pisos, escadas. 2- Não utiliza 3- Indiferente	03 01 01
Mudança de Terreno de cor e contraste	Na rua	1- Utiliza cor/ contraste como ponto de referência. 2- Não utiliza 3- Indiferente	03 01 01
	Escola	1- Na escola como referencia para localizar-se em ambientes diferentes. 2- Não utiliza 3- Indiferente	03 01 01
Piso Avaliação quanto a cor e contraste e texturas diferenciadas	Na rua	1- Utiliza para reconhecimento de ambientes e referências. 2- Texturas diferenciadas na rua são suas referências para formar seus mapas mentais de lugares.	03 02
	Escola	1- As texturas diferenciadas ajudam no reconhecimento dos diferentes ambientes.	05
Deslocação de Ar Percebe e utiliza como ponto de referência	Na rua	sim	05
	Escola	sim	05

Compilação do Quadro 3 anexo “C”

Conceitos		sim	Não	observação
Noções Espaciais				
Anterior				
	Frente	05		
	Em frente de	05		
	Em face de	03	02	
	De frente	05		
	Para frente	05		
	Diante	01	04	
Posterior				
	Atrás	05		
	Por trás	05		
	Posterior	01	04	Dificuldade no sinal em LIBRAS e conhecimento do conceito
	Para trás	05		
	Depois	05		
Superior				
	Em cima	05		
	Acima	05		
	Sobre	05		
	Para cima	05		
	Alto	05		
	Ascendente		05	Não há um sinal em LIBRAS diferenciado para ascendente
Inferior		Sim	Não	Observações
	De baixo	05		
	Abaixo	05		
	Para baixo	05		
	Descendente		05	
	Debaixo de	05		
	Por baixo de	05		
Lateral				
	Direito	05		
	Esquerdo	05		
	Lateralmente	05		
	Ao longo de		05	
	Ao lado de	05		
Proximidade	Afastado de	05		
	Distante	05		
	Longe	05		
	Rente	04	01	
	Perto de	05		
	Aqui	05		
	Lá	05		
	Em oposição á	0	05	

Interno				
	Para dentro de	05		
	dentro	05		
	No interior de	05		
	Dentro de	05		
	interno	05		
	Para o interior	01	04	
Externo				
	Fora	05		
	Externamente		05	
	Fora de	05		
	Externo	05		
	exterior	01	04	
Formas Geométricas				
	círculo	05		
	retângulo	05		
	quadrado	05		
	triângulo	05		
	oval	03	02	
	Esfera	05		
	Cilindro	05		
	Cubo	05		
	Cone	02	03	
	pirâmide	03	02	
Descritivo				
	retangular	05		
	esférica	05		
	circular	05		
Outros				
	Sentido horário	04	01-	
	Anti horário	04	01	
	Oposto	04	01	
	Através de	05		
	Paralelo	05		
	Perpendicular	05		
	Ao redor de	05		
	Na direção de	05		
	De cabeça para baixo	05		
	Meio	05		
	Entre	05		
	No meio	05		
	Centro	05		
	Sobre	05		
	Distante	05		
	Anterior	03	02	
	Posterior	03	02	
	Superior	05		
	Inferior	05		
	Adjacente		05	
	Medial		05	
	Mediano		05	
	Pontos cardeais (norte, sul, Leste e oeste)	02	03	
	Pontos Colaterais (nordeste, noroeste, sudeste, sudoeste)	01	04	

Formas de Objetos específicos		Sim	Não	Observação
	pêra	03	02	
	coração	05		
	anel	05		
	caixa	05		
Formas de letras para descrever intersecções				
	T	05		
	H		05	
	L	05		
	O	04	01	
	S	02	03	
	U	04	01	
	V	05		
	X	03	01	
	Y	05		Após treinamento

Compilação do Quadro 4- anexo “C”

Comunicação		Formas de comunicação	Utiliza		
Sujeito	Expressiva		Sim	Não	
	Expressiva	Libra tátil	03	02	
		Libras no Campo Visual		05	
		Escrita na Palma da mão	04	01	
		Alfabeto dactilológico	02	03	
		Escrita Ampliada	01	04	
		Imagens		05	
		Objetos		05	
		Movimentos corporais	01	04	
		Expressão facial	03	02	
		Uso do loops	02	03	
		Maquetes	03	02	
		Mapa Tátil	02	03	
		Registro do Mapa Mental	04	01	
		Braille	05		
		Braille tátil	02	03	
		Placa Alfabética	05		
			Fala	03	02
		Libras (para pessoa ouvinte)	02		
		Receptiva		Recebe	
		Receptiva	Libras táteis	03	02
			Libras no Campo Visual		05
			Escrita na Palma da mão	02	03
			Alfabeto dactilológico	05	
			Escrita Ampliada	01	
			Imagens		05
	Objetos			05	
	Movimentos corporais		02	03	
	Expressão facial		02	03	
	Uso do loops		02	03	
	Maquetes		03	02	
Observações:		Mapa Tátil	02	03	
		Registro do Mapa Mental		05	
		Braille	05		
		Fala	03	02	
		Tadoma	01	04	
		Fala Ampliada	02	03	

Compilação do Quadro 5 anexo C

Identifica Conceitos para Referência na Orientação e Mobilidade	Reconhece		Usa como referência na Orientação e Mobilidade	
	Sim	Não	Sim	Não
Tamanho (Grande, Pequeno, Estreito e Largo)	05		05	
Formas (Quadrado, Retângulo, Círculo e triângulo)	05		05	
Quantidade (Muito, Pouco, Vazio, Metade, Um quarto, Cheio, Vazio,, Menos que, Mais que Tudo, (Alguns e Nenhum)	05		05	
Lateralidade (Direita e esquerda)	05		05	
Temperatura (Quente, Frio, Morno, Fresco, Moderado, Agradável, Sufocante, Gelado, Abafado, Úmido e Seco)	05		05	
Ambientes topográficos (Lado, Borda, Margem, Camada, Junção, Ângulo, Perímetro, Fim, Esquina. Rampa, Ladeira, Depressão, Buraco, Declive, Aclive, Inclinado lateralmente, Irregular, Plano, Nivelado, Direto, Arco, Linha, Curva, Torto, Diagonal, Perpendicular, Paralela, Inclinado, e verticalmente)	05		05	

Texturas do ambientes (Poça de água, Entulho, Pavimento, Cimento, Asfalto, Pedra, Cascalho, Paralelepípedo, Barro, Tijolo, Terra, Madeira, Vidro, Plástico, Grama, Folhas secas, Lisas, Sedosas, Escorregadias, Ásperas, Macias, Fino, Acidentado, Rugoso, Esburacado, Irregular, Elevado e Rebaixado)	05		05	
Referências Geográficas e ambientais (Continente, País, Estado, Cidade, Bairro Comercial, Bairro Residencial, Quadra, quarteirão, Vizinhança, Estrada, Semáforo para carros, Semáforo para pedestres, Tráfego, Congestionamento de tráfego, Meio fio, Entrada de Carro, Estacionamento, Rodovia, Rua, Acostamento, Pistas, Intersecção de ruas, Retorno, Ilha de segurança, Corredor, Quina do prédio, Entrada do prédio escolar, Pátio, Coluna, Sala de aula, Elevador, Abrigo de ônibus, Banco de ônibus, Ponto de ônibus, Rua, Calçada, Esquina, Pista dupla, Mão única, Banco de parque, Lata de lixo, Piso, Janela, Teto, Parede, Tapete, Porta de correr, Vaso sanitário, Acionadores de descarga, Pia e Tanque)	05		05	
Meios de Transporte (metrô, ônibus, bicicleta, trem, avião, barco, navio)	05		05	
Diferentes formas de construção (Edifício, Casa, Shopping e Centro Comercial)	05		05	
(Estados e Fenômenos do tempo) (Sombra, Ensolarado e Nublado)	05		04	01
Esquema corporal	05		05	
Discrimina Conceitos para referência em Orientação e Mobilidade				
✓ Escada rolante de escadas fixa Escada rolante de esteira rolante	05		05	
✓ Intensidade de tônus muscular	03	02	03	02
✓ Orelhão de poste.	05		05	
✓ Orelhão de caixa de correio				
✓ Cruzamento de Esquina	05		05	
✓ Estabelecimentos comerciais	05		05	

Compilação do Quadro 6 Anexo “C”

Sentidos	Utiliza		Observações
	Sim	Não	
Resíduo Visual	04	01	
Resíduo Auditivo	03	02	
Olfato	05		
Tátil	05		
Cinéstesico	05		
Vestibular	03	02	
Proprioceptivo	05		
Háptico	05		
Memória Muscular	04	01	

Compilação do Quadro 7 Anexo “C”

Ambiente	Pistas dos Ambientes	Utiliza para se localizar		Usa como referência para se locomover para o próximo ambiente		Observações
		sim	não	sim	não	
Rua						
	Sonoros	03	02	03	02	
	Odores	05		05		
	Visuais	04	01	04	01	
	Táteis	05		05		
	Cinéstesica	05		05		
Escola						
	Sonoros	03	02	03	02	
	Odores	05		05		
	Visuais	04	01	04	01	
	Táteis	05		05		
	Cinéstesica	05		05		
Outros Locais						
	sonoros		05		05	
	odores	05		05		
	Visuais	04	01	04	01	
	Táteis	05		05		
	Cinéstesica	05		05		

Compilação do Quadro 8 anexo “C”

Técnicas	Observação dos Ambientes Internos	Observação dos Ambientes Externos
Deslocamento com guia vidente	<p>04 pessoas: Desloca-se sem problemas</p> <p>01 pessoa: Desloca-se sem problemas e reconfirma ambientes quando está em lugares desconhecidos.</p>	<p>03 pessoas: Desloca-se sem problemas e chama atenção do guia-intérprete para detalhes não percursos e pede detalhes</p> <p>01 pessoa Desloca-se sem problemas e gosta de ser informado sobre a descrição de todo o trajeto.</p> <p>01 pessoa: Desloca-se bem sem problemas e solicita às vezes detalhes sobre o percurso para o guia-intérprete.</p>
Auto Proteção	<p>04 pessoas: Utiliza em ambientes desconhecidos</p> <p>01 pessoa: Não utiliza mesmo nos ambientes desconhecidos</p>	<p>01 pessoa: Não utiliza se estiver com bengala ou guia-intérprete.</p> <p>01 pessoa: No uso com a bengala em ambientes desconhecidos.</p> <p>02 pessoas: Não utiliza mesmo em ambientes desconhecidos e também na companhia do guia-intérprete</p> <p>01 pessoa: Em lugares desconhecidos usa proteção superior mesmo com guia-intérprete.</p>
Deslocamento com bengala	<p>02 pessoas: Utiliza só em ambientes desconhecidos.</p> <p>01 pessoa: Não utiliza</p> <p>01 pessoa: utiliza com roller e ambientes desconhecidos.</p> <p>01 pessoa Utiliza em ambientes conhecidos e desconhecidos</p>	<p>04 pessoas : Utiliza a bengala com roller e desloca-se com independência .Usa mesmo com guia-intérprete.</p> <p>01 pessoa: Utiliza com roller e tem independência em pequenas rotas e também com guia-intérprete.</p>
Deslocamento com Pré Bengala	<p>04 pessoas: Não utilizam</p> <p>01 pessoa: Sozinho, independente sem necessidade de reconfirmação de ambiente.</p>	<p>04 pessoas: Não utilizam</p> <p>01 pessoa: consegue ser independente para dar a volta no quarteirão mas necessita reconfirmação em ad esquina para se orientar.</p>
Uso de aparelhos eletrônicos para locomoção	<p>05 pessoas não utilizam</p>	<p>03 pessoas: Não utilizam</p> <p>02 pessoas: Utilizam</p>

Compilação do Quadro 9 anexo “C”

Comportamento do aluno	Atitude do Professor	Observações		
		Sim	Não	Comentários
Ansiedade (Para receber e cumprir as orientações do professor)	1. Dá um tempo maior de atenção para aluno.	05		
	2. Conversa com aluno.	05		
	3. Retoma a explicação.	05		
	4. Retoma explicação com outras estratégias diferenciadas (objetos concretos, movimento de corpo e etc...)	03	02	
Agitação (Falta de concentração na tarefa a ser realizada)	1. Antecipa o que será realizado no dia	05		
	2. Domina a forma de comunicação do aluno	05		
	3. Verifica o que ocorreu em momentos anteriores.	05		
Insegurança (Medo de uma nova rota ou de um determinado local)	1. Apóia a pessoa surdocega em movimento de ressonância durante as aulas.	01	04	
	2. Apóia através do toque.	03	02	
	3. Dá outras referências sensoriais.	05		
Passividade (Não toma iniciativa)	1. Motiva o aluno a tomar iniciativa.	03	02	
	2. Realiza a atividade em diferentes ambientes.	05		
	3. Cria oportunidade de troca de experiências	05		
Falta de Confiança (Dificuldade de Interação)	1. Conversa com aluno para relatar experiências de outras pessoas	03	02	
	2. Favorece a interação com outras pessoas surdocegas.	04	01	
	3. Dá mais tempo para pessoa	04	01	
Falta de Equilíbrio na locomoção	1. Oferece outras ajudas para melhorar o equilíbrio.	02	03	
	2. Inicia as aulas em espaços mais planos	02	03	
	3. Realiza os movimentos em ressonância.	02	03	
Medo	1. Conversa com as pessoas antes de iniciar as aulas.	04	01	
	2. Reúne os outros alunos para troca de experiência.	04	01	
Distração	1. Retoma as informações após o termino da aula.	05		
	2. Oferece a oportunidade de registro da forma que o aluno possa retomar o que realizou.	01	04	

Compilação do Quadro 10 anexo “C”

Local	Ambientes	Usa Pistas		Há Necessidade de Adaptação		Tem autonomia		Precisa de Ajuda de pessoa e ou equipamentos	
		sim	não	Sim	não	sim	não	sim	não
Casa	Interno								
	Cozinha	05		05		04	01	01	
	Quarto	05		05		05			05
	Banheiro	05		05		05			05
	Sala	05		05		05			05
	Externo								
	Quintal	05		02	03	05			05
Quarteirão	03		05		03		02		
Escola	Interno								
	Sala de aula	05		05		05			
	Refeitório	05		05		05			
	Banheiro	05		05		05			
	Ambientes Externos								
	Quarteirão	05		05		05			
	Pátio Externo	05		05		05			
Entorno da escola	05		05		03		02		
Trabalho	Ambiente Interno								
	Sala	02		02		02			
	Banheiro	02		02		02			
	Sala de ponto	02		02		02			
	Refeitório	02		02		02			
	Ambientes Externos								
	Quarteirão	02		02		02			
	Pátio	02		02		02			
Entorno da comunidade do trabalho	02		02		02				

Continuação da compilação do quadro 10 anexo “C”

Meios de Transportes									
Metrô e trem.	Ambiente Interno								
	Acesso ao bloqueio e aos trens					02	03	03	
	Localização de assentos						05	05	
	Ambientes Externos							05	
	Acesso às escadas							05	
	Acesso ao Ponto de ônibus							05	
Ônibus	Ponto de ônibus.							05	
	Localizar o banco no ponto de ônibus.							05	

Compilação do Quadro 11 anexo “C”

Tecnologia Assistiva	Utiliza		Observações
	Sim	Não	
Bengala longa	05		
Pré-bengala	01		
Loops (aparelho de Amplificação sonora)	02		
Placa de Comunicação	05		

5.4. Desempenho de cada sujeito no Programa de Orientação e Mobilidade

CJ:

Durante o treinamento, aprendeu usar de maneira mais eficiente o seu resíduo visual (baixa visão e tubular) conseguindo localizar as referências visuais em ambientes internos e externos, facilitando assim o seu deslocamento e, confiando mais na “leitura” da bengala, ter uma postura corporal melhor para usar sua visão. Em ambientes externos, onde há uma abertura maior, como garagens, recuos de lojas etc., mesmo percebendo com a deslocação de ar, adentra bastante para reconfirmar a linha guia, para logo depois seguir a rota normalmente. Consegue identificar sem dificuldades os degraus e obstáculos em ambientes externos e quando se depara com degraus muito altos, lembra-se de reconhecer a extensão do degrau, medi-lo e verificar onde está mais acessível para descer. Ao cruzar ruas de pouco movimento, CJ verifica visualmente se pode fazê-lo sem ajuda e posiciona sua cabeça para o lado da rua de maior movimento, então cruza a rua sinalizando com a bengala levantada para ser visto. Tem utilizado com muita eficiência a placa de comunicação, bem como, seu bloco de anotação e caneta hidrográfica, melhorando sua eficiência em supermercados, padarias e outros estabelecimentos, como forma de comunicação com os usuários em geral, ganhando assim mais autonomia.



CJ na rua



CJ identificando degraus, buscando o lugar mais acessível para descer



CJ ao cruzar ruas de pouco movimento



CJ chegando ao supermercado



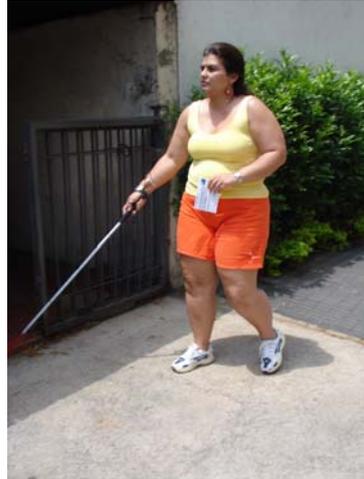
CJ no mercado anotando sua lista, mostrando ao funcionário e realizando suas compras



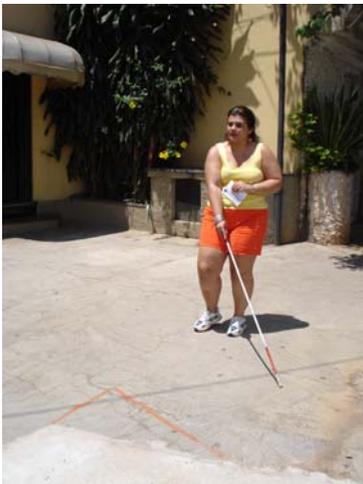
CJ utilizando a placa de comunicação para saber quanto custou a sua compra

C:

Durante o treinamento C mostrou-se sempre bastante segura e motivada a aprender e aceitando todos os desafios que eram propostos, mesmo sendo surdocega total, utiliza-se bastante do canal sensorial-cinestésico (memória muscular), deslocamento de ar, olfato e sua audição para barulhos intensos (buzina de caminhão, motos, ônibus e sirene), confia plenamente na leitura da sua bengala o que lhe dá segurança para fazer pequenos percursos com mais independência. Gostou muito de usar a placa de comunicação que lhe permite abordar melhor os usuários na rua para ajudá-la, uma vez que não atravessa ruas sem solicitar ajuda. Foi primeira vez que ela pensou em ter autonomia, pois a família não permitia seu deslocamento sozinha nas ruas.



C.na rua, desviando de obstáculo



C. chegando no cruzamento pra atravessar a rua e utilizando a placa de comunicação



C. cruzando a rua com usuário

E:

Sempre se mostrou muito motivada para treinamento querendo aprender técnicas que pudessem facilitar cada vez mais seu deslocamento, em virtude de ser uma pessoa ativa, isto é participa de conselhos, reuniões, estudos de grupo e do Day Center. Gostou muito quando foi utilizada a tecnologia assistiva (Loops), porque lhe deu mais segurança, pois recebia, à distância, o comando da professora antecipando os obstáculos à frente. Este recurso também lhe deu mais segurança quando saía em grandes grupos porque a professora podia monitorar o seu treinamento a uma distância maior do restante do grupo.

Ela tem dificuldade em utilizar uma empunhadura correta para segurar a bengala, pois apresenta pouca sensibilidade tátil, devido seu quadro de diabetes, dificultando sua percepção tátil.

Atualmente apresenta mais dificuldade de locomoção no período do entardecer para noite, devido à diminuição de campo visual e cegueira noturna. Também passou a confiar mais na “leitura” tátil da bengala para se locomover.



E. utilizando o Loops na rua



E. mostrando a empunhadura mais adequada para sua percepção tátil

N:

A principio foi resistente ao programa, mas ao perceber que a irmã E. estava mais segura no deslocamento, quis participar do treinamento para utilizar a tecnologia assistiva (Loops) aproveitando o seu resíduo auditivo. Apresenta ainda insegurança para confiar na “leitura” tátil da bengala, o que poderia facilitar o bom uso do seu resíduo visual no deslocamento para detectar pistas e referência visuais.

N. procura utilizar seu resíduo visual para confirmar os obstáculos detectados pela bengala e gostou de utilizar a placa de comunicação, pois passou a ser mais notado pelos usuários e sendo possível ser atendido mais prontamente por eles.



N. utilizando o Loops na rua



N utilizando a placa de comunicação para solicitar ajuda e informando ao usuário como gostaria de ser conduzido

C.R.:

A sua instabilidade emocional dificulta o avanço no seu treinamento, quando conseguiu sentir que a pré-bengala lhe dava segurança para realizar pequenos deslocamentos com independência ficou feliz mesmo sabendo que havia o profissional por perto.

C. buscava durante o trajeto várias vezes a confirmação da rota, quando passou a utilizar a pré-bengala, diminuiu suas confirmações e algumas vezes buscava informar a professora através de LIBRAS, reafirmando com pequenos toques na mão para dizer que sim ou que não, deixando de ser necessário parar durante o trajeto.

As paradas só aconteciam no cruzamento das esquinas para reconfirmar sua rota.

**C.R. utilizando a pré-bengala na rua****C. solicitando confirmação para atravessar a rua**

Capítulo 6: Conclusão e Considerações Finais

*“Com o aumento da força interior,
é possível desenvolver a firme determinação;
e, com a determinação,
há uma chance maior de sucesso,
não importa quais sejam os obstáculos”.*
Dalai Lama, *O Livro da Sabedoria*, 2002.

Ao analisar o programa “Passo a Passo” Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas, verificou-se a necessidade da sistematização de dados para organizar o treinamento dos alunos. A individualidade e a especificidade de cada um exigia considerações diferenciadas para organizar o treinamento bem como preparar recursos que permitissem uma maior autonomia no deslocamento.

O programa “Passo a Passo” possibilitou a autonomia de pessoas surdocegas pós-lingüísticas no seu deslocamento e locomoção, promovendo sua inclusão em diferentes ambientes (escola, casa, trabalho, na comunidade).

O Protocolo de Avaliação favoreceu uma eficiência maior na observação do desempenho dos alunos, tendo a função de um “check-list” para um maior número de dados.

As estratégias e recursos utilizados durante o treinamento foram organizados a partir da necessidade de cada aluno para que ele se sentisse seguro e não perdesse a motivação para continuar o programa.

O programa também permitiu que as famílias observassem e verificassem que era possível a locomoção e deslocamento de seus filhos, esposo, irmãos.

Entre os recursos percebemos que a bengala com roller foi a preferência de todos, por permitir fazer o arco de proteção sem ter que fazer a técnica do ponto a ponto, na qual a bengala realiza a leitura tátil do piso, assim o arco de proteção fica como um deslizamento contínuo.

O uso do Loops permitiu segurança na antecipação para os alunos com resíduos auditivos e a possibilidade de sair para o treinamento em grandes grupos quando não é possível um profissional para cada aluno. Percebeu-se também que ao antecipar os obstáculos para os surdocegos, eles podiam utilizar com maior eficiência outros sentidos (cinestésico, proprioceptivo e olfativo) para depois servir como ponto de referência para essa rota.

O uso da pré-bengala foi muito importante para verificar que pessoas que possuem graves dificuldades no equilíbrio, principalmente por fatores emocionais, pode ser um bom recurso para motivação no treinamento de orientação e mobilidade.

A placa de comunicação favoreceu muito a interação das pessoas surdocegas com os usuários em geral, permitindo-lhes a identificação e autonomia para o seu dia-a-dia.

Nas Técnicas de Orientação e Mobilidade utilizadas no programa “Passo a Passo” verificamos que as adaptações descritas no capítulo três, foi possível observar e demarcar a diferença entre uso das mesmas técnicas para as pessoas com deficiência visual.

6.1. Considerações Finais

Este trabalho possibilitou a avaliação da atuação da pesquisadora como profissional de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas, permitindo maior conhecimento das especificidades individuais, o que possibilitou recursos diferenciados para atender a necessidade real de cada uma delas.

Percebemos que o modo como este programa foi realizado, destacando principalmente a atitude do profissional, permitiu um aprendizado mais efetivo para aqueles que já haviam antes realizado um treinamento de mobilidade com as técnicas para deficientes visuais sem as adaptações apresentadas neste trabalho, e promoveu a motivação para tentar novamente o treinamento e buscar a autonomia que era almejada.

Os recursos que foram utilizados estão sendo aplicados em novas situações. Percebemos que a pré-bengala será muito útil na locomoção e deslocamento de pessoas que apresentam dificuldades motoras e cognitivas (pela dificuldade da compreensão de realizar um arco de proteção eficiente com a bengala longa) e pessoas idosas.

6.2. Recomendações:

- ✓ Que o protocolo de avaliação possa ser utilizado em outros programas de orientação e mobilidade de pessoas surdocegas.
- ✓ Que este trabalho possa ser uma diretriz para profissionais que trabalham com pessoas surdocegas.
- ✓ Que as Secretarias de Educação possibilitem a formação continuada de profissionais na área de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas.

Que seja criado um grupo de estudos em Orientação e Mobilidade de Pessoas Surdocegas pós-lingüística para trocar experiências e conhecer novos recursos.

Referências

BOGDAN, R. C. e BIKLEN, S. K. **Abordagens qualitativas de pesquisa. A pesquisa etnográfica e o estudo de caso** in **Pesquisa em educação abordagem qualitativa**, 1982, Ludke M. e André, M., São Paulo: EPU, 1986.

BUENO, G. **Manual de noções e técnicas para o desenvolvimento de habilidades básicas para orientação e mobilidade do cego**. In **Cadernos do EDM, FEUSP**, vol. 3, nº 1, out. 1992

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 05 de dezembro de 1988, DOU 05.10.88. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm acessado em 31.03.2007.

BRASÍLIA, SEESP. **Programa nacional de apoio à educação de deficientes visuais- formação de professor de orientação e mobilidade, projeto: ir e vir**, ABEDEV, 2002.

CASTRO, J. A M. **Orientação e mobilidade: alguns aspectos da evolução de autonomia da pessoa deficiente visual**. [Http// www.nucleus/media/common/nossos_meios_RBC_Rev. Jun. 1998 Artigo 2. doc](http://www.nucleus/media/common/nossos_meios_RBC_Rev_Jun.1998_Artigo_2.doc). Acessado em 12/01/2007.

CUNHA, A G.. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Nova Fronteira: São Paulo, 2 ed, 1999 (p. 526 e 564).

DAMEN, G.W. J., KRABBE, P., F.M, KILSBY, M. MYLANUS, E. **The Usher lifestyle survey: maintaining independence: a multi-centre study** in **International Journal of Rehabilitation Research**. 28 (4): 309-320, December 2005.

FELIPPE. J. A. (elaboração) **Caminhando juntos: manual de habilidades básicas de orientação e mobilidade**. Brasília: MEC, SEESP, 2003.

FOY, C.J.; KIRCHNER, L.; WOPLE, L. **The Connecticut cane**. in “Journal of Visual Impairment and Blindness” 85 (1991), 85-86, Connecticut. Febrero, 1991. **Pré-baston Connecticut**. Trad. Espanhol Graciela Ferioli. **Pré-bengala de Connecticut**. Trad. Português Márcia Maurílio de Sousa. Revisão Shirley Rodrigues Maia, Projeto Horizonte AHIMSA-Hilton Perkins, 2006.

GARCIA, N. **Programas de Orientação e mobilidade no processo de educação da criança portadora de cegueira**. Trabalho apresentado à Faculdade de Educação como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Universidade de São Paulo, 2001.

GENSE, J.; GENSE, M. **La importancia de las destrezas de O y M para estudiantes sordo-ciegos**. Publicação da Deafblind International (DbI), julho, 2000.

GIACOMINI, L., MAIA, S.R., ROSA, D., SERPA, X. **S. Surdocego pós-lingüístico**. Série Grupo Brasil: Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial, São Paulo.

GIACOMINI, L. MAIA, S.R. ROSA, D. **Formas de comunicação**. Série Grupo Brasil: Entrando em contato com as pessoas surdocegas. São Paulo: vol. 1, 2006.

GIACOMINI, L. Maia, S.R. Rosa, D. **Guiando uma pessoa surdocega**. Série Grupo Brasil: Entrando em contato com as pessoas surdocegas. São Paulo: vol. 2, 2006.

GOETZ, L. GUEN, D. STRENEI-CAMPEBELL, K. **Innovative Program Design for individual with dual sensory impairments**, Paul Brooks Publishing Co. In Baltimore, 1983.

HILL, E.W., ROSEN, S., CORREA, V. I., LANGLEY, M. B. **Orientación y movilidad en la etapa preescolar: una definición ampliada**. In **Primera infancia aspectos de orientación y movilidad**, Série en idioma español, Hilton Perkins, 1995, (07-27).

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A **Pesquisa e educação. Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, S. R. **A educação do surdocego – diretrizes básicas para pessoas não especializadas.** Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Presbiteriana Mackenzie como parte obrigatória para obtenção título de Mestre em Educação, 2004.

MELHORAMENTOS. **Minidicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997 (p. 337 e 368).

MESQUITA, S.R.S.H.. **A interação comunicativa do surdocego: a arte de contar histórias adaptadas, re-significando as estratégias de ensino.** Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Presbiteriana Mackenzie como parte obrigatória para obtenção de título de Mestre em Educação, 2005.

MCINNES, J. M. & TREFFRY, J. A Deaf-blind infants and children: **A developmental guide.** University of Toronto Press Incorporated, Canadá, 1982. Versão em espanhol **Guia para el desarrollo del niño sordociego.** Trad. da edição inglesa: The Open University Press, 1988.

MCLETHIE, B. **Desenvolvendo conceitos através de atividades: comunicando com alunos surdocegos.** Palestra apresentada no curso de Formação de Educadores com Múltiplas Deficiências Sensoriais e Múltiplas Deficiências na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.

MONTAGU, A Touching – **The human significance of the skin. Tocar – o significado humano da pele.** Trad. Maria Sílvia Mourão Netto. Novas buscas em psicoterapia, v. 34 SãoPaulo: Summus, 1988.

MURDOCH, H. **Steps towards mobility.** Trad. Maria Inês Petersen. **Passos para a mobilidade.** Projeto Horizonte AHIMSA-Hilton Perkins, Talking Sense, Spring, 1989.

NUNES, C. **Utilização de estratégias centradas na criança para compreender as crianças que apresentam multideficiência grave: a abordagem de van Dijk à avaliação.** Ministério da Educação de Portugal, 2004.

RODRIGUEZ, M. M. **Programa de capacitación a guías-intérpretes empíricos para personas sordociegas.**,apostilla, Fenascal, Santafé de Bogotá, 1999.

SAUERBERGER, D..**O&M living history – where did our O&M techniques come from.inTravel Vision – Orientation & Mobility.** [http: www.members.dslextreme.com users\kathys\alltext.htm#history](http://www.members.dslextreme.com/users/kathys/alltext.htm#history). Acessado em 27.01.2007. Trad. Vula Maria Ikonomidis, Projeto Horizonte AHIMSA-Hilton Perkins, 2007.

TRONCOSO, D. S. **Orientación y movilidad** in Centro de Recursos <http://www.sordoceguera.org>. Acessado em 07.09.2002.

SERPA, X. **Manual para padres de sordocegos y multiimpedidos sensoriales.**2002, Trad. Lilia Giacomini. Revisão para edição brasileira: Dalva Rosa, Lilia Giacomini, Shirley Rodrigues Maia. Grupo Brasil: São Paulo, 2003.

SERPA, X. **El papel del instrutor mediador y del guia intérprete en la inclusión del sordociego.** Palestra proferida no II Encontro Estadual da Bahia, Comunidade Taizé, Alagoinhas, julho, 2005.

[http: www. unb.br/ppne/internas/projetocao](http://www.unb.br/ppne/internas/projetocao).Acesso 27.01.2007.

ANEXO A

Nunca soube de um trabalho direcionado ou específico de Orientação e Mobilidade, pois até bem pouco tempo, só se considerava os surdocegos pré-lingüísticos e para eles, era feito o treinamento de mobilidade visando à independência interna na escola e no lar.

Na rua era apenas o treino para acompanhar o guia obedecendo as Técnicas de Orientação e Mobilidade.

Somente quando tivemos o conhecimento sobre Usher e dos surdocegos , mais ou menos na década de 90, é que começamos a dar mais atenção a isso e principalmente, na possibilidade de total independência.

Dalvanise de Farias Duarte

Coordenadora Pedagógica da Ahimsa

Primeira professora a ser treinada por D. Nice Tonhozi

ANEXO B

Anotações realizadas no início do Programa “Passo a Passo”

Itens de registros:

- ✓ Nome
- ✓ Idade
- ✓ Data de nascimento
- ✓ Endereço
- ✓ Telefone
- ✓ Grau de instrução
- ✓ Etiologia
- ✓ Forma de Comunicação
- ✓ Se possuía a bengala e qual o tipo?
- ✓ Se já havia freqüentado algum programa de orientação e mobilidade.

Estas anotações eram realizadas no primeiro encontro para coletar estes dados. A partir daí com a continuidade do treinamento eram anotados detalhes durante o treinamento de ambientes interno e externo.

ANEXO C

Protocolo de Avaliação do Programa Passo a Passo

Elaborado por Lilia Giacomini, Laura Lebre Monteiro Ancilotto, Maria Inês Petersen e Shirley Rodrigues Maia

Público Alvo: Surdocegos Pré e Pós-lingüísticos

Local de Aplicação: AHIMSA – Associação Educacional para Múltipla Deficiência e Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial

Este protocolo visa registrar as observações realizadas durante a avaliação funcional centrada na pessoa surdocega para ingressar no programa Passo a Passo.

Os itens que compõem o protocolo serão descritos abaixo e cada item é acompanhado de um quadro de registro conforme segue:

- ✓ Perfil das pessoas surdocegas quanto às patologias e seus problemas funcionais (Quadro 1)
- ✓ Iluminação e as necessidades ambientais (piso, deslocação de ar etc.) para Orientação e Mobilidade (Quadro 2)
- ✓ Noções de orientação espacial das pessoas surdocegas (Quadro 3)
- ✓ Formas de Comunicação (Quadro 4)
- ✓ Uso de referências de conceito de Orientação e Mobilidade (Quadro 5)
- ✓ Uso dos canais sensoriais para aprendizagem das técnicas de orientação e mobilidade (Quadro 6)
- ✓ Destrezas de Orientação (Quadro 7)
- ✓ Destrezas de Mobilidade (Quadro 8)
- ✓ Atitude do Educador frente ao comportamento das pessoas surdocegas (Quadro 9)
- ✓ Como ocorre a mobilidade do aluno em espaços internos e externos. Análise do ambiente (Quadro 10)
- ✓ Tecnologia Assistiva (Quadro 11)

**Quadro 1 – Perfil das Pessoas Surdocegas quanto as Patologias e seus Problemas Funcionais
(ref. Anexo “C”)**

Nome: _____

Idade _____

Etiologia _____

Observação: _____

Patologias Visuais	Problemas Funcionais								
	Clareza	Perda visual Periférica	Escotomas	Cegueira Noturna	Adaptação A luz	Erro de Refração	Nistagmo	Visão Flutuante	Percepção de profundidade
Glaucoma									
Miopia									
Diabetes									
Degeneração da Retina									
Retinose Pigmentar									
Degeneração Macular									
Descolamento da retina									
Alta Miopia									

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and Functional Perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind vol.1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletim Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para familias y profesionales da Escuela para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departamento de Servicios de Asistencia y Rehabilitation- Primavera de 2005 Volume 10 n°2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para estudiantes surdociegos-Abril de 2006

Quadro 2 –Iluminação e as necessidades ambientais (piso, deslocação de ar, etc) para Orientação e Mobilidade.

Necessidades Ambientais	Ambientes	Detalhamento
Quantidade de Luz <i>Análise quanto:</i> Iluminação na área de abrangência	Na rua	
	Escola	
Iluminação de uma área específica (referências ex: parte de um quadro de anotação).	Na rua	
	Escola	
Tipo de Luz <i>Identificação quanto a:</i> Iluminação Natural Incandescente ou Florescente	Na rua	
	Escola	
Tipo de fonte de luz que ele prefere	Na rua	
	Escola	
Localização do ângulo da luz <i>Descrição quanto a:</i> Relação da fonte de luz natural ou artificial para o aluno	Na rua	
	Escola	

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletim Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para familias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmanto de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 n°2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para studiantes surdociegos-Abril de 2006

Continuação Quadro 2

Efeito da iluminação nos diferentes posicionamentos no desempenho da mobilidade.	Na Rua	
	Escola	
<p align="center">Adaptação de Luz</p> <i>Avaliação quanto a:</i> Mudança na visão funcional de ambientes externos para internos ou vice e versa.	Na rua	
	Escola	
<p align="center">Clareza</p> <i>Determinação quanto a:</i> Fontes de clareza ex: reflexo de janela, piso, água,	Na rua	
	Escola	
Efeitos da iluminação do sol	Na rua	
	Escola	
<p align="center">Cor e Contraste</p> <i>Avaliação quanto á:</i> Cor e Contraste na Orientação e Mobilidade	Na Rua	
	Escola	
Mudança de Terreno de cor e contraste	Na rua	
	Escola	
<p align="center">Piso</p> Avaliação quanto a cor e contraste e texturas diferenciadas	Na rua	
	Escola	
<p align="center">Deslocação de Ar</p> Percebe e utiliza como ponto de referência	Na rua	
	Escola	

Quadro 3- Noções de Orientação Espacial das Pessoas Surdocegas

Conceitos		sim	Não	observação
Noções Espaciais				
Anterior				
	frente			
	Em frente de			
	Em face de			
	De frente			
	Para a frente			
	diante			
Posterior				
	atrás			
	Por trás			
	posterior			
	Pra trás			
	depois			
Superior				
	Em cima			
	Acima			
	Sobre			
	Para cima			
	Alto			
	ascendente			

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletín Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para familias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmento de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 n°2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para estudiantes surdociegos-Abril de 2006

Continuação do Quadro 3

		Sim	Não	Observações
Inferior				
	De baixo			
	Abaixo			
	Para baixo			
	Descendente			
	Debaixo de			
	Por baixo de			
Lateral				
	Direito			
	Esquerdo			
	Lateralmente			
	Ao longo de			
	Ao lado de			
Proximidade	Afastado de			
	Distante			
	Longe			
	Rente			
	Perto de			
	aqui			
	lá			
	Em oposição á			
Interno				
	Para dentro de			
	dentro			
	No interior de			
	Dentro de			
	interno			
	Para o interior			

Continuação Quadro 3

Externo		sim	Não	observação
	Fora			
	Externamente			
	Fora de			
	Externo exterior			
Formas Geométricas	círculo			
	retângulo			
	quadrado			
	triângulo			
	oval			
	Esfera			
	Cilindro			
	Cubo			
	Cone pirâmide			
Descritivo	retangular			
	esférica			
	circular			

Continuação Quadro 3

Outros		sim	Não	observação
	Sentido horário			
	Anti horário			
	Oposto			
	Através de			
	Paralelo			
	Perpendicular			
	Ao redor de			
	Na direção de			
	De cabeça para baixo			
	Meio			
	Entre			
	No meio			
	Centro			
	Sobre			
	Distante			
	Anterior			
	Posterior			
	Superior			
	Inferior			
	Adjacente			
	Medial			
	Mediano			
	Pontos cardeais (norte, sul,Leste e oeste)			
	Pontos Colaterais (nordeste,noroeste,sudeste, sudoeste)			

Continuação do Quadro 3

Formas de Objetos específicos		Sim	Não	Observação
	pêra			
	coração			
	anel			
	caixa			
Formas de letras para descrever intersecções				
	T			
	H			
	L			
	O			
	S			
	U			
	V			
	X			

Quadro 4- Formas de Comunicação Ref. Anexo “C”

Comunicação		Formas de comunicação	Utiliza	
Sujeito	Expressiva		Sim	Não
	Expressiva	Libra tátil		
		Libras no Campo Visual		
		Escrita na Palma da mão		
		Alfabeto dactilológico		
		Escrita Ampliada		
		Imagens		
		Objetos		
		Movimentos corporais		
		Expressão facial		
		Uso do loops		
		Maquetes		
		Mapa Tátil		
		Registro do Mapa Mental		
		Braille		
	Braille tátil			
	Prancha Alfabética			
	Receptiva		Recebe	
	Receptiva	Libras tátil		
		Libras no Campo Visual		
		Escrita na Palma da mão		
		Alfabeto dactilológico		
		Escrita Ampliada		
		Imagens		
		Objetos		
Movimentos corporais				
Expressão facial				
Uso do loops				
Maquetes				
Mapa Tátil				
Registro do Mapa Mental				
Braille				
Observações:				

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletim Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para famílias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmanto de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 nº2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Mobilidad para studiantes surdociegos-Abril de 2006

Quadro 5 – Uso de referências de conceito na orientação e mobilidade (ref. ao anexo C)

Identifica Conceitos para Referência na Orientação e Mobilidade	Reconhece		Usa como referência na Orientação e Mobilidade	
	Sim	Não	Sim	Não
Tamanho (Grande, Pequeno, Estreito e Largo)				
Formas (Quadrado, Retângulo, Círculo e triângulo)				
Quantidade (Muito, Pouco, Vazio, Metade, Um quarto, Cheio, Vazio, Menos que, Mais que Tudo, Alguns e Nenhum)				
Lateralidade (Direita e esquerda)				
Temperatura (Quente, Frio, Morno, Fresco, Moderado, Agradável, Sufocante, Gelado, Abafado, Úmido e Seco)				

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletim Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para famílias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmanto de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 nº2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para studiantes surdociegos-Abril de 2006

Continuação do Quadro 5

<p>Ambientes topográficos (Lado, Borda, Margem, Camada, Junção, Ângulo, Perímetro, Fim, Esquina, Rampa, Ladeira, Depressão, Buraco, Declive, Aclive, Inclinado lateralmente, Irregular, Plano, Nivelado, Direto, Arco, Linha, Curva, Torto, Diagonal, Perpendicular, Paralela, Inclinado, e verticalmente)</p>				
<p>Texturas do ambientes (Poça de água, Entulho, Pavimento, Cimento, Asfalto, Pedra, Cascalho, Paralelepípedo, Barro, Tijolo, Terra, Madeira, Vidro, Plástico, Grama, Folhas secas, Liso, Sedoso, Escorregadio, Áspero, Macio, Fino, Acidentado, Rugoso, Esburacado, Irregular, Elevado e Rebaixado)</p>				
<p>Referências Geográficas e ambientais (Continente, País, Estado, Cidade, Bairro Comercial, Bairro Residencial, Quadra, quarteirão, Vizinhança, Estrada, Semáforo para carros, Semáforo para pedestres, Tráfego, Congestionamento de tráfego, Meio fio, Entrada de Carro, Estacionamento, Rodovia, Rua, Acostamento, Pistas, Intersecção de ruas, Retorno, Ilha de segurança, Corredor, Quina do prédio, Entrada do prédio escolar, Pátio, Coluna, Sala de aula, Elevador, Abrigo de ônibus, Banco de ônibus, Ponto de ônibus, Rua, Calçada, Esquina, Pista dupla, Mão única, Banco de parque, Lata de lixo, Piso, Janela, Teto, Parede, Tapete, Porta de correr, Vaso sanitário, Acionadores de descarga, Pia e Tanque)</p>				

Continuação Quadro 5

Meios de Transporte (metrô, ônibus, bicicleta, trem, avião, barco, navio)				
Diferentes formas de construção (Edifício, Casa, Shopping e Centro Comercial)				
Estados e Fenômenos do tempo) (Sombra, Ensolarado e Nublado)				
Esquema corporal				
Discrimina Conceitos para referência em Orientação e Mobilidade				
✓ Escada rolante de escadas fixa Escada rolante de esteira rolante				
✓ Intensidade de tônus muscular				
✓ Orelhão de poste.				
✓ Orelhão de caixa de correio				
✓ Cruzamento de Esquina				
✓ Estabelecimentos comerciais				

**Quadro 6 - Uso dos canais sensoriais para aprendizagem das técnicas de orientação e mobilidade
Ref. Anexo “C”**

Sentidos	Utiliza		Observações
	Sim	Não	
Resíduo Visual			
Resíduo Auditivo			
Olfato			
Tátil			
Cinésico			
Vestibular			
Proprioceptivo			
Háptico			
Memória Muscular			

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletim Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para famílias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departamento de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 n°2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para studiantes surdociegos-Abril de 2006

**Quadro 7 - Destrezas de Orientação
Ref. Anexo “C”**

Ambiente	Pistas dos Ambientes	Utiliza para se localizar		Usa como referência para se locomover para o próximo ambiente		Observações
		sim	não	sim	não	
Rua						
	sonoros					
	odores					
	Visuais					
	táteis					
	cinéستesica					
Escola						
	sonoros					
	odores					
	Visuais					
	Táteis					
	cinéستesica					
Outros Locais						
	sonoros					
	odores					
	Visuais					
	táteis					
	cinéستesica					

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind voll AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletim Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para familias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmanto de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 nº2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para estudiantes surdociegos-Abril de 2006

Quadro 8 - Destrezas de mobilidade
Ref. Anexo “C”

Técnicas	Observação dos Ambientes Internos	Observação dos Ambientes Externos
Deslocamento com guia vidente		
Auto Proteção		
Deslocamento com bengala		
Deslocamento com Pré Bengala		
Uso de aparelhos eletrônicos para locomoção		

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletim Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para familias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmanto de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 nº2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Mobilidad para studiantes surdociegos-Abril de 2006

**Quadro 9 – Atitude do educador frente ao comportamento das pessoas surdocegas
Ref, anexo “C”**

Comportamento do aluno	Atitude do Professor	Observações		
		Sim	Não	Comentários
Ansiedade (Para receber e cumprir as orientações do professor)	1. Dá um tempo maior de atenção para aluno. 2. Conversa com aluno. 3. Retoma a explicação. 4. Retoma explicação com outras estratégias diferenciadas (objetos concretos, movimento de corpo e etc...)			
Agitação (Falta de concentração na tarefa a ser realizada)	1. Antecipa o que será realizado no dia . 2. Domina a forma de comunicação do aluno 3. Verifica o que ocorreu em momentos anteriores. .			

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletín Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para familias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmanto de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 nº2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para studiantes surdociegos-Abril de 2006

Continuação do Quadro 9

<p>Insegurança (Medo de uma nova rota ou de um determinado local)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apóia a pessoa surdocega em movimento de ressonância durante as aulas. 2. Apóia através do toque. 3. Dá outras referências sensoriais. 			
<p>Passividade (Não toma iniciativa)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Motiva o aluno a tomar iniciativa. 2. Realiza a atividade em diferentes ambientes. 3. Cria oportunidade de troca de experiências 			
<p>Falta de Confiança (Dificuldade de Interação)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conversa com aluno para relatar experiências de outras pessoas 2. Favorece a interação com outras pessoas surdocegas. 3. Dá mais tempo para pessoa 			
<p>Falta de Equilíbrio na locomoção</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Oferece outras ajudas para melhorar o equilíbrio. 2. Inicia as aulas em espaços mais planos 3. Realiza os movimentos em ressonância. 			
<p>Medo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conversa com as pessoas antes de iniciar as aulas. 2. Reúne os outros alunos para troca de experiência. 			
<p>Distração</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Retoma as informações após o termino da aula. 2. Oferece a oportunidade de registro da forma que o aluno possa retomar o que realizou. 			

Quadro 10 - Como ocorre a mobilidade do aluno em espaços internos e externos Análise do Ambiente

Local	Ambientes	Usa Pistas		Há Necessidade de Adaptação		Tem autonomia		Precisa de Ajuda de pessoa e ou equipamentos	
		sim	não	Sim	não	sim	não	sim	não
Casa	Interno								
	Cozinha								
	Quarto								
	Banheiro								
	Sala								
	Externo								
	Quintal								
	Quarteirão								
Escola	Interno								
	Sala de aula								
	Refeitório								
	Banheiro								
	Ambientes Externos								
	Quarteirão								
	Pátio Externo								
Entorno da escola									

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999 Boletim Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para famílias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmanto de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 n°2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para studiantes surdociegos-Abril de 2006

Continuação do quadro 10- **Como ocorre a mobilidade do aluno em espaços internos e externos Análise do Ambiente**

Trabalho	Ambiente Interno								
	Sala								
	Banheiro								
	Sala de ponto								
	Refeitório								
	Ambientes Externos								
	Quarteirão								
	Pátio								
	Entorno da comunidade do trabalho								

Quadro 11- Tecnologia Assistiva.

Tecnologia Assistiva	Utiliza		Observações
	Sim	Não	
Bengala longa			
Pré-bengala			
Loops (aparelho de amplificação sonora)			
Placa de Comunicação			

Elaboração: Giacomini, L. e Maia S. R./2006

Baseado nos livros Foundations of low vision: Clinical and functional perspectives-A.F.B. New York 1996-chapter 9, Hand in Hand Essentials of Communication and Orientation and Mobility for for students Who are deafblind vol1 AFB 1995 e A Guide to Planning and Support for Individuals Who are Deafblind University Toronto -1999

Boletín Trimestral VER/OIR Sobre impedimentos visuales y sordoceguera para familias y profesionales da Escala para Ciegos e Impedidos Visuales de Texas del Departmanto de Servicios de Asistencia y Rehabilitación Primavera de 2005 Volume 10 nº2.

Texto da Dblink USA La Importancia de las Destrezas de Orientacion y Movilidad para studiantes surdociegos-Abril de 2006

ANEXO D

Questionário Inscrição no Programa: Passo a Passo Orientação e Mobilidade.

1- Nome:

2- Idade:

3- Etiologia.....

4- Deficiências apresentadas:

.....

5- Grau de Instrução:

6- Formas de Comunicação que utiliza para se comunicar:

.....

.....

.....

7- Possui bengala longa Sim () Não ()

8- Já frequentou algum programa específico de orientação e
mobilidade antes? Sim () Não ()

Onde?

9- Tem alguém que guie você no dia a dia? Sim () Não ()

Quem:

10- Que locais costuma freqüentar sozinho ou com algumas pessoas?

.....
.....
.....

11 - Tem apoio da família para realizar seu deslocamento?

Sim () Não ()

Como ocorre:

.....
.....

12 - Faça um X na frente de um dos 5 itens que seguem, para assinalar a importância deste Programa para você. Justifique sua resposta:

Indispensável ()

Muito importante ()

Regularmente importante ()

Pouco importante ()

Nada acrescenta ()

ANEXO E

Questionário 2

Avaliação do Programa Passo a Passo pela pessoa

Surdocega

1. A oficina de orientação e mobilidade atingiu suas expectativas?

Sim () Não ()

2. Se sim por quê?

.....

.....

.....

3. Se não por quê?

.....

.....

.....

4. Qual foi sua maior dificuldade para ter autonomia na Orientação e Mobilidade?

.....

.....

5. O uso da bengala favoreceu sua mobilidade?

.....

.....

.....

.....

6. Você experimentou o recurso da Pré-bengala?

Sim () Não ()

7. Fale se esse uso favoreceu sua mobilidade ou não e explique como isso ocorreu.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

8. Reconhece mapa tátil? Sim () Não ()?

9. Tem dificuldades para se deslocar à noite?

Sim () Não(), Explique como é esta dificuldade?

.....
.....
.....
.....

10. O curso favoreceu sua Orientação e Mobilidade? Por
quê?

.....
.....
.....
.....

11. Consegue passear, ir ao médico e outros eventos com
apoio de familiares? Sim () Não ().

12. Tem contato com outras pessoas surdocegas que
também realizaram o Programa Passo a Passo?

Sim () Não ()

Quem?.....

13. Qual técnica achou mais fácil para realizar?

.....

.....

.....

.....

14. O que precisa ser modificado no programa passo a passo para melhorar a sua orientação e mobilidade?

.....

.....

.....

15. Escreva um breve depoimento sobre o seu treinamento de Orientação e Mobilidade?

.....

.....

.....

.....

.....

16. Você recomenda esse treinamento para outra pessoa surdocega?

Sim () Não() Por quê?.....

.....

.....

Data...../...../.....

ANEXO F

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, _____

(entrevistado e sujeito) concordo em participar da pesquisa intitulada “**Análise de um Programa: “Passo a Passo” Orientação e Mobilidade para Pessoas Surdocegas**” que constitui um trabalho de pesquisa desenvolvido por Lilia Giacomini, aluna da pós-graduação, ao nível de Mestrado na área da Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra Elcie Aparecida Fortes Salzano Masini. O objetivo principal da pesquisa é analisar e avaliar um Protocolo de Avaliação Funcional na área de Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas pós-lingüísticas.

Declaro que minha colaboração é de livre espontânea vontade. Estou informado (a) de que os resultados poderão ser divulgados em eventos científicos e publicações futuras. Fui informado também, de que todos os dados obtidos serão utilizados apenas para fins científicos, mantendo-se meu anonimato e o sigilo que garantirá minha privacidade, não sendo vinculados nomes ou dados que possam me identificar publicamente.

São Paulo, ____/____/____.

Assinatura do sujeito da Pesquisa.

Para fins de possíveis esclarecimentos a respeito desta pesquisa, coloco-me à disposição,

Lilia Giacomini

Telefones:(11) 5579-0032/ (11) 8333-9964